



continuam
entre nós

Vol. 2

Zibia Gasparetto

DADOS DE COPYRIGHT

Sobre a obra:

A presente obra é disponibilizada pela equipe [X Livros](#) e seus diversos parceiros, com o objetivo de disponibilizar conteúdo para uso parcial em pesquisas e estudos acadêmicos, bem como o simples teste da qualidade da obra, com o fim exclusivo de compra futura.

É expressamente proibida e totalmente repudiável a venda, aluguel, ou quaisquer uso comercial do presente conteúdo

Sobre nós:

O [X Livros](#) e seus parceiros disponibilizam conteúdo de domínio público e propriedade intelectual de forma totalmente gratuita, por acreditar que o conhecimento e a educação devem ser acessíveis e livres a toda e qualquer pessoa. Você pode encontrar mais obras em nosso site: xlivros.com ou em qualquer um dos sites parceiros apresentados neste link.

Quando o mundo estiver unido na busca do conhecimento, e não lutando por dinheiro e poder, então nossa sociedade enfim evoluirá a um novo nível.

Eles continuam entre nós

Vol. 2

Zíbia Gasparetto

Aprendi a ler aos quatro anos de idade e, aos oito, costumava passar horas sentada, escrevendo histórias. Com a chegada da adolescência, deixei esse comportamento de lado e só o retomei, na forma de psicografia, quando anos depois, meu marido e eu, uma vez por semana, estudávamos os livros de Allan Kardec. Meu braço doía e a mão mexia contra minha vontade. Colocados papéis e lápis a minha frente, começava a escrever rapidamente.

Nós frequentávamos as sessões da Federação Espírita e eu participava como médium de incorporação, lá psicografava e, algumas vezes, utilizava o dom da xenoglossia (faculdade de falar ou escrever línguas estranhas). Nessa época, recebia contos, mensagens de orientação, histórias e, assim, os romances começaram a fluir.

Adotei o hábito de estudar o assunto desde então. Com essa prática, minha sensibilidade abriu-se e comecei a perceber e a entender muitas coisas que antes não me eram possíveis.

Apesar disso, para muitas coisas ainda não tenho respostas, por isso continuo esforçando-me, buscando compreensão.

Minha experiência e estudos fizeram-me perceber a importância de disciplinarmos o emocional, enfrentarmos os medos e tomarmos posse de nós mesmos para que energias alheias não nos envolvam.

Se conseguirmos isso e nos ligarmos aos espíritos evoluídos, a mediunidade será uma fonte de conhecimento, saúde e lucidez.

Estudar a vida espiritual abre as portas do futuro, derrotando a morte e mostrando que somos seres imortais.

Introdução

O nosso espírito é eterno, a morte não é o fim. Somos viajantes do cosmos desde que fomos criados à semelhança de Deus. Ao nascermos na Terra, recebemos o corpo de carne, que nos possibilita interagirmos nesse planeta, onde estagiamos por tempo determinado, com a finalidade de desenvolvermos nossos potenciais e nos integrarmos nas leis cósmicas que regem a vida.

Somos livres para escolher, mas obrigados a colher os resultados. Assim, cada um é responsável por tudo quanto lhe acontece.

Através de erros e acertos, vamos amadurecendo, evoluindo.

Não dá para avaliar o tempo que cada um vai despender nesse processo, que poderá alongar-se por séculos, conforme a resistência e o ritmo de cada um. Por esse motivo, reencarnamos várias vezes neste mundo, só deixando de fazê-lo quando tivermos aprendido tudo o que esta dimensão pode nos oferecer.

Como a evolução é infinita, quem não precisa mais estagiar na Terra, passa a viver em outras dimensões do universo, continuando sua trajetória em busca do conhecimento e da harmonia interior.

Tudo isso foi sendo revelado desde o começo de nossa civilização, por meio de profetas que nasceram aqui para ajudar o progresso. Alguns deles eram espíritos elevados em missão de esclarecimento, mas muitos foram expurgados do planeta onde residiam, por terem resistido ao progresso. Desenvolveram o intelecto, a inteligência, mas não os sentimentos, e estavam prejudicando aquela sociedade, em que a maioria havia conquistado o direito a uma vida melhor.

A vida, em sua sabedoria, os tirou do meio mais evoluído a que estavam habituados, onde a tecnologia criou facilidades e bem-estar, fazendo-os reencarnar em um planeta, cuja sociedade estava em estágio primitivo, para que houvesse uma troca salutar entre si.

Ao reencarnar, o espírito esquece suas vidas passadas, mas todas as suas experiências continuam gravadas em seu inconsciente.

Dá para imaginar o que sentirá um espírito habituado à luz elétrica, ao transporte moderno, aos recursos de saúde, à presença

de pessoas de sentimentos elevados, tendo de viver entre um povo bárbaro, malvado, ignorante? Ter de enfrentar as intempéries, a falta de conforto, guardando dentro de sua alma uma sensação de fracasso, de rejeição e de incapacidade?

Deus, ao criar o universo e os espíritos, estabeleceu leis cósmicas perfeitas que atuam com a finalidade de facilitar o desenvolvimento de todos, conduzindo-os à evolução. Fê-los simples e ignorantes, mas particularizou vocações, que comporiam as novas moradas em que viveriam, nas quais precisariam contar com pessoas para as diferentes atividades sociais a serem desenvolvidas. Colocou dentro de cada um, os potenciais necessários e lhes foi dada uma vocação, para que exercessem suas atividades com amor. Deu-lhes também o livre-arbítrio, para que pudessem fazer suas escolhas e aprender com os resultados.

Todavia, ninguém pode permanecer parado, indefinidamente, em um círculo vicioso. Por isso, foi-lhes concedido um tempo de tolerância para progredir, mas quando alguém se acomoda e ultrapassa esse tempo, a vida interfere, mandando desafios, que vão se tornando cada vez mais intensos e a pessoa é colocada diante de problemas mais graves até que ceda, reaja e acorde para a realidade.

Esses ensinamentos que os espíritos elevados trazem, fazem-nos perceber a perfeição divina, a sabedoria da vida que nos ama e trabalha em nosso favor.

Apesar de nossas dificuldades em aceitar as mudanças que estão diante de nossos olhos, é fato que elas nos oferecem a dignidade de podermos conquistar o próprio progresso.

Esse respeito que a sabedoria divina demonstra, acreditando que somos capazes de criar uma vida melhor, nos emociona e eleva. Faz-nos sentir que somos deuses e estamos no caminho da perfeição. Mas, ao mesmo tempo, faz-nos perceber a própria responsabilidade, não só diante de nossas necessidades, mas também em face da preservação do planeta que nos agasalha.

Deus nos deu a vida, mas a Terra ofereceu-nos tudo que necessitamos para estagiarmos aqui. Deu-nos os elementos que

formam nosso corpo de carne, o ar que respiramos, vegetais, frutos que nos alimentam, animais que nos servem com dedicação.

Cercou-nos de beleza, desde o azul do céu até as profundezas dos mares, onde nossas vistas não alcançam.

Nossa casa, girando no espaço infinito, é um lugar privilegiado, cheio de flores, pássaros que cantam, incentivando-nos à alegria. Olhemos em volta e percebamos toda a glória da vida que nos rodeia, agradecendo por podermos viver aqui.

Desde o início de nossa civilização, os espíritos superiores têm se dedicado a nos chamar a atenção, de todas as formas, para essa realidade. Eles alegam que quando estivermos prontos, a vida, detentora de tesouros de felicidade, oferecerá o nosso.

Para conquistá-lo, é necessário sabermos mais sobre o significado da vida e como ela funciona. Essa conquista também implica amadurecimento e merecimento. Ninguém colocará nas mãos de pessoas iludidas, fora da realidade, uma função que requeira conhecimento e dedicação.

Em uma sociedade onde valores espirituais e éticos estão invertidos, a cultura é dominada por falsas crenças que valorizam as aparências e as pessoas impõem a si mesmas papéis sociais para serem aceitas, é bastante comum a disseminação do sentimento de insegurança. Num contexto assim, as pessoas vivem pressionadas pelo medo — fruto da ignorância e do domínio de religiões que pregam a existência de um Deus que julga, condena, castiga seus filhos e vê o homem como um ser incapaz, eterno pedinte dos favores divinos, dependente e sem capacidade para comandar a própria vida.

Para elas, ser humilde é colocar-se sempre em último lugar, sem qualquer ambição. Valorizam a pobreza e veem, sob suspeita, os que têm bens e não aceitam essas imposições.

Conceitos assim dificultam o progresso, distorcem a visão da realidade, oprimem, prejudicam o desempenho e conduzem à depressão e à infelicidade.

Os espíritos superiores, há muito tempo, esperam que nos libertemos dessas crenças erradas. Que enxerguemos a vida como

ela é: perfeita, exuberante e rica, a oferecer-nos todas as chances de progresso.

Durante essa espera, eles persistem em nos chamar a atenção sobre a continuidade da vida após a morte, na necessidade de aprendermos as leis que regem a vida, a fim de escolhermos melhor nosso caminho.

O sexto sentido é também mais uma capacidade do homem.

Não é fruto de nenhuma religião. Todo ser humano o possui em graus variados, diferindo de pessoa para pessoa. Sabendo disso, eles envolvem quem tem essa capacidade e transmitem seus ensinamentos. Fazem-no não apenas para abrir os olhos do homem, mas também para confortar aqueles que passam por perdas de entes queridos ou estão vivendo momentos dolorosos e situações difíceis.

A crença na vida após a morte e a certeza de que não estamos sós a enfrentar problemas neste mundo, além de nos confortar, abrem as portas da eternidade, trazendo a esperança de que um dia tudo ficará em paz.

Fui chamada a essa realidade, ela transformou minha vida e de minha família. Durante 26 anos, dirigindo um centro espírita, vivi experiências, conheci fatos e pude presenciar momentos inesquecíveis. Tenho a mais absoluta certeza de que os espíritos que viveram neste mundo interferem em nossa vida de todas as formas. Uns desejando reparar seus erros, alguns monitorando os que ficaram e outros, ainda, exercendo domínio sobre quem lhes dá espaço.

Por esse motivo foi que, ao começar meu programa na Rádio Mundial, solicitei aos ouvintes que colaborassem, enviando cartas com casos de intervenção de espíritos de que tivessem conhecimento, ou vividos por eles mesmos. Começava aí um trabalho de pesquisa e estudo sobre o qual seria importante debruçar-me. Foi assim que nasceu o livro *Eles continuam entre nós* —vol. 1. Mas como os casos eram muitos, não foi possível editá-los todos no primeiro volume. Assim, conforme prometi, estou tornando público o segundo. Não sei se será o último, porque continuo pedindo às pessoas que tenham uma boa história (sempre verídica)

para contar, que a mande para mim, juntamente com a permissão de publicação.

Esse trabalho tem me trazido muita alegria. Estou feliz em cumprir minha promessa e espero que este livro tenha o mesmo sucesso do anterior.

Aproveito este espaço para agradecer a colaboração de todas as pessoas que mandaram seus casos. Esse gesto de cooperação auxilia o dedicado trabalho dos espíritos superiores e contribui para melhorar a vida de centenas de pessoas. A vocês, meu carinho e votos de alegria e luz. E aos que estão lendo este livro, meu abraço e votos de que ele seja uma experiência proveitosa e enriquecedora.

ZíbiaGasparetto

Uma Boa Alma

Esta história teve início em 1979, na cidade de Rio Claro, interior de São Paulo, onde Odete morava e trabalhava como consultora de cosméticos.

Sempre no mesmo horário, Odete ia a uma lanchonete para lanchar, encontrar-se com amigos e também freguesas.

Um dia ela conheceu o Luiz; tornaram-se grandes amigos e dessa amizade surgiu um grande amor. Ela, viúva, livre, independente e ele também; alugaram uma casa e decidiram assim, viver maritalmente. As despesas da casa eram quase todas pagas por Odete, já que Luiz ganhava bem menos que ela.

Odete estava bem financeiramente, tinha cinco propriedades, carro, telefone e todo o conforto, tudo conseguido por seu próprio esforço e muito trabalho.

Ela resolveu, então, em vez de ficar pagando aluguel, comprar uma casa financiada em nome de Luiz. Acostumada com os trâmites, foi providenciar a documentação necessária e, ao tirar a certidão de antecedentes de Luiz, descobriu que ele havia agredido sua ex-esposa.

Odete, muito abalada, conversou com ele, que lhe explicou seus motivos, e assim o caso foi dado por encerrado.

Ela conseguiu um atestado de antecedentes sem a restrição e providenciou o financiamento em nome de Luiz. O desconto das prestações seria realizado diretamente de seu holerite.

De repente, Luiz se transformou e começou a ser ignorante com a esposa, agredindo-a verbal e fisicamente. No decorrer desses acontecimentos, ela voltava para a casa de parentes e contava-lhes tudo o que acontecia. E mesmo que quisesse esconder, não conseguiria, vivia cheia de hematomas.

Essas separações aconteceram até 1986, foram sete anos, sete vezes. Odete estava muito chateada e resolveu que iria começar a olhar a situação em que se encontrava de outra maneira.

Tomou coragem, juntou suas coisas e desapareceu da vida dele. Foi para Campinas, onde iniciou uma nova vida, sempre trabalhando.

Durante oito anos, Odete só voltava para Rio Claro nas madrugadas; via seus familiares, matava a saudade e retornava para Campinas. Luiz a procurava, sem encontrá-la.

Uma noite, em 1994, Odete sonhou com Luiz.

Ele estava vestido de branco e deslizava sobre sua cama, a uma altura de um metro. Com um lindo sorriso, ele aproximou-se e lhe disse:

— Odete, eu vim agradecer-lhe por tudo o que você fez por mim, adeus! Obrigado.

Odete passou toda a parte da manhã aos prantos, chorava muito, porquanto não havia conseguido esquecer Luiz, ainda o amava muito.

Nesse mesmo dia, às 12h30, seu filho ligou de Rio Claro:

— Mamãe, a pessoa que a senhora amou muito e lhe fez sofrer tanto, faleceu às 4h30 da manhã, vítima de uma vesícula estupidada.

Naquele momento, Odete lembrou-se do sonho e entendeu que Luiz, seu grande amor, assim que desencarnara, viera agradecer-lhe e despedir-se para sempre.

A princípio, pensei em não publicar esse caso, por não poder divulgar a identidade dos envolvidos. Mas por tratar-se de um caso verdadeiro e muito bonito, não resisti ao desejo de lhes contar.

É preciso notar como um temperamento violento, sem controle pode infelicitar a vida das pessoas. É da responsabilidade de cada um aprender gerenciar seus impulsos, evitar a violência e assim ter uma vida melhor.

Odete era mulher corajosa, esforçada, boa companheira, apaixonou-se, foi correspondida e, se não fosse a falta de controle do companheiro, poderiam ter ficado juntos usufruindo de uma vida feliz. Claro que ele a amava, mas no dia a dia não conseguia dominar a irritação, chegando às vias de fato.

Odete reagiu, fez muito bem em separar-se. Ninguém deve submeter-se a uma situação dessas. O amor não é suficiente para justificar a humilhação e a violência.

Certamente, ele se arrependeu muito de não ter se controlado, uma vez que a amou de verdade e nunca a esqueceu. Tanto que, no momento da morte, pensou nela com tal força, que seu espírito projetou-se até onde ela estava, para dizer-lhe que a amava e agradecer todo bem que ela lhe fizera.

Acredito que, a essa altura, ele, no mundo astral, continue arrependido, esforçando-se para aprender a dominar o mau gênio, visando a que, no futuro, venham a ter uma nova oportunidade de ficarem juntos, seja na outra dimensão ou em nova encarnação. Mas ele sabe que só conseguirá essa oportunidade quando aprender a ser melhor.

Obs.: a pedido da leitora, os nomes foram trocados para preservar a identidade dos envolvidos.

Caso enviado por:

Odete Saúde - S. Paulo/SP

Ave-Maria

Antigamente, no início do século vinte, existia na igreja católica, uma irmandade denominada: Irmandade da Virgem Maria, da qual só faziam parte moças jovens e virgens.

Criada e educada nesse regime, Vera nunca quis se casar, era devota da Virgem Maria. Joana, sua irmã, casou-se e Vera optou por continuar morando com a irmã, já que ambas se entendiam muito bem.

A família, que morava em Rio Claro, interior paulista, aumentava, e Vera sempre ajudava a irmã nos afazeres domésticos e na criação de seus sobrinhos — duas meninas e um menino.

Todos se davam e viviam muito bem.

Era uma família feliz.

Vera era a autêntica tia solteirona, fazia tudo por seus familiares e era adorada por todos.

Diariamente, ela se recolhia em seu quarto por volta das 11h45 e lá ficava até às 12h15 para ouvir uma única música: *Ave-Maria*, de Franz Schubert, compositor austríaco da Era Clássica. Enquanto ouvia a música, ela orava fervorosamente.

Assim passou-se o tempo, e ela nunca deixou de ouvir sua música um dia sequer. As crianças cresceram e os adultos envelheceram.

Um dia, quando Vera terminou suas orações, foi para a cozinha arrumar as louças e guardá-las, e o inesperado aconteceu: ela foi ao chão.

A família toda, que estava ali presente, correu para socorrê-la, mas ela parecia não responder. O médico foi chamado e diagnosticou que ela desencarnara, vítima de um infarto fulminante.

A tristeza tomou conta de todos: familiares, vizinhos... mas nada havia para ser feito. O funeral foi arrumado na sala, como era costume na época.

Ela seria velada até o dia seguinte.

O tempo transcorria. Durante a tarde, a noite e a manhã, todos permaneceram reunidos, esperando com respeito e silêncio

absolutos a hora da saída do funeral. De repente, o relógio da sala começou a dar horas, era meio-dia. Nesse momento, todas as pessoas ali presentes puderam ouvir o som da música *Ave-Maria*, de Schubert, vindo do quarto daquela senhora.

Joana correu ao quarto para repreender quem estivesse ali mexendo nas coisas de sua irmã, porém não encontrou ninguém, tudo estava na mais perfeita ordem, e o toca-discos estava desligado, mas a música continuou ecoando pela casa toda, até o final de sua execução.

Para analisarmos esse fato, há duas possibilidades: a primeira é de que Vera era um espírito muito evoluído, estava lúcida durante o velório e decidiu dar uma prova de sua sobrevivência, fazendo com que todos ouvissem a música que ela tanto gostava, como se fosse um recado avisando que continuava vivendo, mesmo depois da morte do corpo. E também, como se a melodia selasse um abraço de despedida.

A segunda hipótese é que ela era uma pessoa boa, mas sem conhecimento da vida após a morte. Seu amor por Maria, sua fé, o fato de ter-se ligado a Ela durante toda a vida, fizeram com que, no momento de seu desligamento, fosse auxiliada por espíritos da falange de Maria e recebida por eles na outra dimensão.

Nos dois casos, com certeza, foram eles que desejando dar uma prova da continuidade de vida após a morte do corpo, provocaram esse fenômeno de efeitos físicos. Para que isso fosse possível, devem ter-se valido de algum encarnado, cujas energias foram manipuladas para produção de ectoplasma — elemento que propicia a produção de fenômenos físicos.

Caso enviado por:

Clarice Nalin

Rua Mauro, 585 - Apto.84 Bloco A

Saúde - S. Paulo/SP

Viagem Marcada

Um dia, Maria Aparecida chamou sua amiga, Maria de Lurdes e contou-lhe:

— Estou muito angustiada, há uma semana tenho pensado em minha mãe, que mora no Mato Grosso do Sul. Nunca estive tão preocupada e chorosa. Eu sei que está acontecendo alguma coisa, mas não posso gastar dinheiro com passagem, a minha situação está muito difícil.

Assim os dias se passaram, até que durante uma madrugada, enquanto Aparecida lia um salmo, pedia a Deus que tirasse dela aquela angústia e ajudasse sua mãe, sentiu-se saindo de seu próprio corpo e deslizando pelo espaço. Foi tão real que pôde sentir o vento sibilando em seus ouvidos.

Viu-se chegando à casa da mãe que ainda estava acordada. Viu-a indo em direção ao quarto do filho mais novo, que já era um rapaz. Vendo-o adormecido, beijou-o, dizendo:

— Filho, eu o amo muito, porém não aguento mais sofrer — depois, dirigiu-se ao seu quarto, onde seu marido dormia e também se despediu.

Na cozinha, ela pegou um copo com água de dentro do forno do fogão e, quando ia beber, Aparecida percebendo o que ela faria, gritou:

— Mãe, não faça isso! — bateu fortemente no copo, que se quebrou.

Naquele momento, sua mãe a enxergou e disse:

— Minha filha, você é o meu anjo da guarda. Livrou-me de beber o veneno de rato que estava no copo, que eu mesma havia preparado para acabar de vez com meu sofrimento.

As duas abraçaram-se e choraram bastante.

Aparecida voltou ao corpo e se recordou de tudo. Logo, ajoelhou-se e agradeceu o amparo divino que ela e a mãe haviam recebido.

No dia seguinte, Aparecida estava alegre e disse ao marido:

— Vou viajar o mais rápido possível para a casa de meus pais.

Chegou lá durante a madrugada. Sua mãe, sentido sua presença disse ao marido:

— Cida está aí, é o meu anjo da guarda.

— Imagine, a Cida sempre nos avisa quando vem — disse o marido sem entender.

Mesmo com a incredulidade do marido, ela levantou-se, foi até a porta de entrada e encontrou sua filha.

— Minha filha, eu a vi! — disse a mãe, abraçando-a.

— Também a vi, mãe — respondeu Cida.

Sem entender nada, todos ouviram Cida contar essa história, acontecida entre ambas, dois dias antes. Depois desses acontecimentos, sua mãe converteu-se ao espiritualismo.

Só então Cida pôde entender que para o plano espiritual não existe distância.

Cida tinha muita afinidade com sua mãe e pressentiu que ela não estava bem. Angustiada, rezava para que nada de mau lhe acontecesse. Suas preces foram ouvidas e ela recebeu ajuda dos espíritos que se utilizaram dela para fazer com que a mãe não se suicidasse.

Quando ela dormiu, tiraram-na do corpo e levaram-na na presença da mãe. Ela estava consciente, embora não tivesse percebido os que a auxiliavam. Chegando lá, utilizaram-se de uma energia chamada ectoplasma (uma substância que preparam, juntando fluidos astrais com energias do mundo físico), e com ela envolveram o corpo astral de Cida, fazendo-a materializar-se diante da mãe, para que derrubasse o copo de sua mão, no exato momento em que ingeriria o veneno.

Cida ainda teve tempo de abraçá-la antes de voltar ao corpo adormecido. Não deve ter sido fácil aos espíritos prepararem tudo para agirem com tanta precisão. Mas se tiveram permissão para tal, foi porque Cida e a mãe tinham merecimento.

E foi também uma maneira de fazer com que a mãe de Cida despertasse para a realidade espiritual, visse a vida de

outra forma e percebesse a inutilidade de cometer o suicídio.

Essa experiência foi tão forte que levou a mãe de Cida a tornar-se espiritualista. Depois do que ela presenciou, quem teria condições de duvidar?

Caso enviado por:
Maria de Lurdes S. Figueiredo
Rua André Franco Montoro, n. 293
SBC/SP

Bebê Prematuro

Jacyra casou-se em 1956, e em 1957, nasceu seu primeiro filho. No hospital, seu marido, Roque, foi informado de que deveria batizar a criança o mais rápido possível, pois não sabiam se ela viveria muito tempo, já que havia nascido de sete meses, e naquele tempo era muito difícil bebês prematuros sobreviverem.

Como estavam no bairro da Lapa, Roque foi procurar um padre da igreja católica para levar ao hospital e batizar o bebê. Depois de algumas tentativas frustradas, conseguiu que um frei o acompanhasse ao hospital para realizar o batismo.

Pegaram um táxi e foram proseando. Chegando ao hospital, os padrinhos, irmã e cunhado de Roque, não haviam chegado. Então Roque foi buscá-los rapidamente.

O bebê estava com a mãe de Roque, no berçário, e o frei resolveu ir até lá. Não quis esperar e batizou o bebê ali mesmo, diante da avó. O bebê recebeu o batismo muito bem, conforme contou ela à sua nora:

— O batizado já foi realizado. Tudo correu bem e o frei já foi embora.

Quando Roque chegou com os padrinhos, ficou sabendo do ocorrido e foi atrás do frei e do táxi, pois precisava acertar a corrida e o batizado.

Em frente ao hospital não os encontrou. Foi até a igreja, e para sua surpresa, o padre informou-lhe que não havia frei algum ali. Até hoje eles não entenderam o que aconteceu. Como previsto, o bebê faleceu sete dias após o nascimento.

Depois de certo tempo, Jacyra engravidou novamente e, preocupada com o novo filho, foi ao centro espírita pedir proteção espiritual. Lá, uma senhora que ministrava passes (doação de energias) avisou-lhe:

— Esse filho que você espera é o mesmo espírito que você perdeu anteriormente, ele tem uma missão muito bonita para cumprir aqui na Terra.

Quando o filho de Jacyra nasceu, exatamente um ano depois do falecimento do primeiro, aconteceu nova surpresa:

O prematuro falecido, fora registrado com o nome de Antônio Carlos. E o segundo se chamaria Marcos Antônio. Mas, no momento do batizado, o padre, na hora de dizer o nome combinado, o chamou três vezes de Antônio Carlos.

O incrível é que o padre nem conhecia a história dessa família, logo, somente os amigos espirituais, realmente, poderiam dar-nos respostas a esse fato.

Tudo indica que o bebê prematuro reencarnou apenas para restaurar o corpo astral. (Esse corpo integra todos nós e permanece conosco depois da morte do corpo físico.)

Quando a pessoa tem atitudes violentas e pratica maldades, absorve energias destrutivas causadoras de doenças gravíssimas que não são eliminadas completamente pela morte do corpo físico. Essas acabam deixando sequelas no corpo astral, cuja sensibilidade é mais intensa, e o sofrimento para quem as tem torna-se muito forte, o que faz com que procure ajuda.

No mundo astral, há hospitais que socorrem esses espíritos. Quando tomam consciência de que erraram, arrependem-se e são levados a lugares de refazimento. Mas dependendo do estrago, as sequelas não desaparecem completamente.

Quando isso acontece, esses espíritos são aconselhados a reencarnar apenas para eliminar as sequelas, porque o corpo físico tem capacidade de absorvê-las e restaurar o equilíbrio.

O corpo astral é o organizador biológico, na formação do corpo de carne, no processo de reencarnação. Quando ele está lesado em alguma parte, ao unir-se ao óvulo fecundado, no ventre materno, não consegue gerar um corpo perfeito.

É o que deve ter acontecido com o bebê prematuro que nasceu com problemas e não conseguiu sobreviver. Foi

melhor assim porque se tivesse conseguido viver, teria de suportar as deficiências, pelo tempo que ficasse encarnado.

O bebê prematuro precisou de pouco tempo para refazer o corpo astral, tendo sido a ele permitido voltar saudável para continuar aprendendo na escola da Terra.

Você sabia que muitos espíritos se materializam na Terra e se confundem com os encarnados? É um fato comum.

Foi o caso do frei que fez o batizado. Os pais do garoto, por serem católicos, davam grande importância ao batismo e ser-lhes-ia penoso ver o menino morrer sem esse conforto.

Eu acredito que, além de confortá-los na religião, esse frei quis dar uma prova de que a vida continua depois da morte. Essa crença conforta muito e ajuda a suportar a dor da perda de um ente querido.

Caso enviado por:

Jacyra Cardoso Buchiro

Av. Pompeia, n. 726

Pompeia - São Paulo/SP

Filhos Unidos

No mês de maio de 1975, Célia sonhou com seu pai. Casada, morava no bairro do Tatuapé com o marido, a sogra e os três filhos. Funcionária pública, trabalhava oito horas por dia.

Aos sábados, após o almoço, deitava-se para descansar e cochilar um pouco. Nesse sábado de 1975, deitou-se e dormiu. Não sabe precisar por quanto tempo. Foi acordada pela voz de seu pai, que gritava angustiada:

— Lia, minha filha, reze por mim, estou sofrendo muito!

Ele já tinha falecido há vinte anos e, por esse motivo, Célia levou um grande susto, precisou sentar-se na cama a fim de acalmar-se.

Apesar de não conseguir ver o pai, tinha certeza de que era ele quem estava ali, pois sua voz era inconfundível e, além disso, ele a chamava de Lia, aliás, para a família toda ela era a Lia.

Muito culto e inteligente, mas infelizmente, omissos e pai relapso, nunca responsabilizou-se pelos filhos. Era jogador compulsivo, e assim o foi até o fim de seus dias, aos sessenta anos.

Sua mãe falecera jovem, aos vinte e oito anos, quando ela tinha apenas três anos de idade, vítima de um aborto malsucedido, uma vez que estava desgostosa por estar grávida do quinto filho. Órfãos, os quatro irmãos, todos pequenos, o mais novo com apenas seis meses de vida, foram criados pelos avós maternos, que já tinham meia-idade. O pai, muito raramente, aparecia para visitá-los.

No ano de 1955, o pai de Célia faleceu, era dia da Ascensão de Nossa Senhora. Quando adoeceu, apesar de nunca ter morado com os filhos, pediu a Célia que o levasse para sua casa e cuidasse dele. Como ele estava muito doente, morando em uma pensão, e ela ainda era solteira, resolveu ajudá-lo. Mas devido a seus problemas de saúde, ele não resistiu por muito tempo.

Nesse mesmo ano, Célia casou-se e, após três anos, nasceu seu primeiro filho, Roberto, exatamente na data de aniversário da morte de seu pai.

Depois do sonho, Célia procurou sua irmã e contou-lhe o que o pai pedira. Todos os filhos resolveram rezar uma missa para que ele descansasse em paz.

Depois disso, nunca mais ele se manifestou.

O caso do pai de Célia nos faz pensar melhor nas escolhas que fazemos durante a vida. Além de omitir-se de suas responsabilidades, quando os filhos mais precisaram dele, era um jogador inveterado, não conseguindo controlar a impulsividade.

Dessa forma, jogou fora a grande oportunidade que a vida lhe dera para vencer suas fraquezas e se equilibrar.

Se ele tivesse assumido a responsabilidade, cuidando dos filhos pequenos quando ficou viúvo, certamente teria poupado muitos sofrimentos.

Vinte anos depois de sua morte, ele ainda sofria o descompasso de suas escolhas erradas. É provável que só depois da morte tenha percebido o erro que cometeu, quando deixou nas mãos da avó, a tarefa que era só sua.

Em um caso como esse, é bom que os avós não assumam completamente os netos e procurem fazer com que o responsável faça sua parte. É difícil para muitas pessoas entender que um homem também tem capacidade para cuidar de seus filhos, tanto quanto uma mulher, e em alguns casos, até melhor.

Quando a vida coloca uma criança nos braços de uma pessoa, é ela quem deve cuidar de seu bem-estar. Se for um casal, tudo bem, mas quando um dos dois não assume, o outro deve fazê-lo.

Os familiares devem fazer todo esforço para que os responsáveis cuidem dos filhos que puseram no mundo. A vida não erra e sabe o que é melhor para cada um.

Apesar da omissão do pai, os filhos preocuparam-se com o bem-estar dele, rezaram em seu benefício e foram atendidos.

Caso enviado por:

Célia B. Krelling

Rua Lira Cearense, 348 - BI. Joatinga - apto. 03

Campo Limpo - São Paulo/SP

Batom Vermelho

A sogra de Célia, por diversas vezes, esteve internada no Hospital do Belém, devido à infecção urinária. Mesmo sendo medicada com os mais fortes medicamentos, a infecção não foi debelada e ela faleceu no dia 8 de agosto de 1995.

No hospital, não havia local para velório, então ela foi arrumada e colocada em um quartinho, até poder ser levada ao crematório da Vila Alpina.

A neta da falecida levou a roupa com a qual ela seria cremada. A cerimônia foi marcada para as quinze horas.

A filha de Célia, já casada, tinha muita afinidade com a avó e, por esse motivo, chegou à casa da mãe, às onze horas, dizendo:

— Irei ao hospital para ver a vó mais uma vez, antes que a levem para o crematório.

Quando chegou ao hospital, dirigindo-se ao quarto onde estava a avó, ouviu uma voz:

— Parece um palhaço!

Ao entrar no quarto, ela entendeu o porquê daquela frase. A prima havia levado uma maquiagem forte e um batom muito vermelho para fazer a maquiagem da avó. Ela ficara com um aspecto grotesco.

— Pode deixar vovó, eu vou tirar tudo — disse a menina, limpando-lhe o rosto.

A sogra de Célia faria 92 anos e era uma pessoa muito esclarecida e enérgica. Elas haviam morado juntas durante 41 anos.

Célia, então, se lembrou que quando passava um batom muito vermelho, sua sogra sempre dizia:

— Você vai sair assim? Fica tão mal. Parece um palhaço!

Portanto, mesmo depois de desencarnada, ela conseguiu avisar a neta de que não estava gostando do jeito que a haviam maquiado.

Muitas pessoas, mesmo durante a vida, preocupam-se com o que acontecerá a elas, depois da morte,

principalmente com o velório, ocasião em que seu corpo ficará exposto diante de todos. Temem não ficar com uma aparência boa e há até quem escolha roupas para essa hora, pedindo antecipadamente a um parente que as vista.

Nos Estados Unidos, há empresas que cuidam da aparência do morto, maquiando-o, procurando torná-lo o mais bonito possível, com o propósito de que cause boa impressão.

Há casos em que o espírito do morto, já desligado completamente do corpo, permanece algum tempo no local e assiste ao próprio velório. É comum o recém-desencarnado sentir muito carinho pelo corpo em que morou durante anos e desejar despedir-se dele com gratidão.

Nesse caso, a sogra de Célia seria cremada e não ficaria exposta à visitação pública, mas deve ter assistido à maquiagem que a neta fez em seu rosto e não gostou. É possível que tenha tentado intervir, mostrando seu desagrado, sem que fosse atendida.

Todavia, quando surgiu a outra neta com quem tinha mais afinidade, deu o seu recado, utilizando uma frase costumeira, sua. A neta apenas entendeu a mensagem, quando aproximou-se do corpo e viu o que tinham feito com ela. Foi então que teve a certeza de que sua avó já estava bem e consciente.

Caso enviado por:
Célia Barreto Krelling
Rua Lira Cearense, n. 348
Campo Limpo - São Paulo/SP

Sabedoria

Há cerca de cinquenta anos, José, natural de Guaratinguetá, foi funcionário da empresa de ônibus Pássaro Marrom, que atendia o Vale do Paraíba. Ele era inspetor das agências e viajava todos os dias pelas cidades do Vale. Atualmente está com 84 anos e casado há 62.

Certo dia, indo para São José dos Campos de ônibus, na altura da cidade de Taubaté, sentiu uma forte dor de barriga e pediu ao motorista do ônibus que parasse, pois estava passando muito mal. O ônibus parou em um posto de gasolina, ele desceu, o motorista não o esperou e seguiu viagem.

José procurou por um banheiro, mas notou que ao descer do ônibus, a dor de barriga e o mal-estar haviam passado. Mesmo assim foi ao toalete.

Passados alguns minutos, o motorista de um carro parou no posto e contou a José e a outras pessoas ali presentes:

— Tem um ônibus caído no riacho, próximo a Caçapava, parece que houve um desastre, seis pessoas morreram e há muitos feridos.

José não deu muita importância ao fato, esquecendo-o.

Alguns meses depois, visitando sua irmã, no Rio de Janeiro, foi assistir a uma sessão espírita, pois sua irmã era médium e lá colaborava. Ficou espantado quando o espírito de frei Ivo comunicou-se, por intermédio de um médium, dizendo que o conhecia de longa data e contou:

— Há muito tempo eu o protejo, haja vista o acidente com aquele ônibus que ia para São José dos Campos, no qual você viajava. Naquele dia, tive de arrumar aquela dor de barriga para que você descesse do ônibus.

Logo, José lembrou-se do acontecido, e a partir desse dia, ele, que era incrédulo, começou a mudar de idéia quanto ao espiritismo.

Atualmente lê muitos livros espíritas e se sente muito bem.

Sua esposa, de 83 anos, vê alguns espíritos durante a noite, como também, cachorros, gatos e cortinas pegando fogo. José sempre

tenta explicar o espiritismo à esposa, porém ela ainda não aceitou que existe vida após a morte. Apesar da idade avançada de ambos, e de José já ter sofrido dois derrames que deixaram algumas sequelas, ele ainda acredita na vida e vive com muita paciência.

Certamente José não tinha necessidade de sofrer aquele acidente de ônibus e foi auxiliado pelo espírito protetor, que levando tão a sério seu trabalho anteviu o que aconteceria, provocou a dor de barriga e o fez descer. Nesse acidente, seis pessoas morreram e houve muitos feridos, mas como José não precisava dessa lição. É provável que, se tivesse continuado no ônibus, sairia ileso. Mas o espírito não quis correr nenhum risco.

Ele nem percebeu que fora auxiliado por um espírito que o protegia. Quantas vezes fomos protegidos por amigos espirituais, que agiram desviando de nosso caminho, alguns possíveis acidentes, sem que soubéssemos disso?

Ele conta que foi ao centro espírita no Rio de Janeiro, a convite da irmã, mas não acreditava na vida após a morte, nem na comunicação dos espíritos. Podemos imaginar sua surpresa, quando Frei Ivo relatou que fora ele quem provocara aquela terrível dor de barriga que o fizera descer do ônibus. Na ocasião, nem ele suspeitou que aquele acidente tinha acontecido com o ônibus que ele viajara. Por esse motivo, nunca havia mencionado esse fato a ninguém.

Esse fato fê-lo acreditar que a vida continua e que os que morrem podem se comunicar com os que ficam. Essa crença ajudou-o a viver melhor e até a suportar as perturbações emocionais e energéticas de sua esposa.

Caso enviado por:

José Gerbail dos Santos

Rua Amaral Gurgel, n. 429 - apto. 84

Vila Buarque - São Paulo/SP

Ajuda Espiritual

Tais é kardecista e frequenta um centro espírita regularmente. Sua filha, Larissa, de 24 anos, foi diagnosticada como portadora de diabetes, aos nove meses de idade, devido a um pré-coma.

Aos nove anos de idade, Larissa teve um problema com os medicamentos que usava, sendo encaminhada para a Escola de Medicina. Não diagnosticaram nenhuma alergia, mas como Tais gostou do local, começou a tratar a filha lá. Nessa época, foi constatado que Larissa tinha um glaucoma congênito tardio e que precisaria de cirurgia, já que o quadro não havia se restabelecido com o tratamento a que ela se submetera.

Caso não operasse, ficaria cega, e mesmo operando, ainda assim, correria sério risco de perder a visão. Sua mãe ficou desesperada, com medo de que a filha tivesse alergia a algum medicamento, choque anafilático e, sobretudo, que não enxergasse mais ainda tão jovem.

No centro espírita, disseram a ela que fosse para a cirurgia e confiasse na proteção espiritual, porque se houvesse alguma coisa que pudesse prejudicá-la, eles interviriam e a cirurgia não seria realizada.

Passado um mês, ela foi hospitalizada. Tais, muito preocupada, não saía do lado da filha, acompanhava-a e dava o apoio necessário.

Na noite que antecedeu a cirurgia, Tais, que acompanhava a filha, levantou-se febril, pediu um antitérmico à enfermeira e depois foi para o corredor, com o Evangelho nas mãos.

Tais não tinha o hábito de lê-lo sempre, nem de carregá-lo na bolsa, porém, naquele dia, estava com ele. Ela o abriu, leu um trecho — sem lembrar-se ao certo qual foi — e depois conversou com Jesus:

— Peço-lhe que ilumine as mãos dos médicos para que tudo corra bem, pois não estou preparada para perdê-la nem para vê-la cega. Já foi muito difícil aprender a cuidar de seu diabetes, já sofri muito com isso. Peço ao meu mentor espiritual que me ajude.

Com esse pedido, Tais retornou ao quarto da filha que, acordada, queixou-se:

— Mãe, estão martelando minha cabeça, está doendo muito.

— Volte a dormir — disse Tais. Pensando que poderia ser uma resposta ao seu pedido, olhou para cima e agradeceu.

Na manhã seguinte, no centro cirúrgico, Larissa foi anestesiada, porém não foi operada. Os médicos disseram que sua pressão ocular estava normal.

Tais não se esquece desse dia e sabe que houve uma interferência espiritual a favor de sua garota e, desde então, dedica-se ao estudo da espiritualidade. Até os dias atuais, sua filha recorda-se da dor sentida naquela madrugada e se emociona.

Quando Tais foi ao centro espírita pedir ajuda para a filha, foi orientada a confiar no plano espiritual e a internar a filha no hospital para fazer a cirurgia. Eles sabiam que nada de mal aconteceria porque não estava destinado a ela um mal maior.

Todas as coisas desagradáveis que nos acontecem vêm em função da necessidade de aprendermos com elas e, certamente, esse não era o caso da filha de Tais.

Mas Tais não tinha como saber e temia o pior, apesar disso, confiou na espiritualidade e obedeceu a orientação que lhe foi dada. Mas de tão nervosa e angustiada, ficou febril e recorreu à oração. E a fez com tanta fé, que foi ouvida. A equipe espiritual que estava lá, para dar cobertura ao médico que faria a cirurgia, decidiu intervir diretamente no caso, para que Tais soubesse que foi ouvida.

Nos hospitais, há um grande contingente de espíritos que trabalham ajudando as pessoas. Lá eles formam equipes especializadas em prestar socorro na área médica e se revezam, no sagrado ministério do auxílio, sob a orientação dos espíritos superiores.

Também atuam nos outros setores da atividade humana, sempre com a finalidade de ajudar nos momentos de

dificuldade, confortando, sugerindo bons pensamentos e inspirando idéias positivas.

Nem sempre são ouvidos, porquanto em meio ao turbilhão do mundo material, poucos são os que recorrem à ajuda espiritual.

Mas Tais recorreu, pediu e foi atendida.

Caso enviado por:

Tais Ignácio de Andrade

Av. Aibert Schweitzer, n. 251

SBC/São Paulo

Despedida

Maria conheceu seu primeiro amor aos treze anos. Ele tinha a mesma idade. Começaram a namorar escondidos, pois seu pai não permitia por considerá-la ainda muito jovem.

Tudo aconteceu na cidade de Tupã, interior de São Paulo, onde ambos residiam. Era um namoro ingênuo, de criança, mas eles estavam bastante apaixonados.

Maria era órfã de mãe e cuidava de seus irmãos, enquanto seu pai trabalhava. Era a mais velha das mulheres.

Aos catorze anos, seu pai resolveu mudar-se para São Paulo e ela ficou muito triste, porquanto ficaria longe de seu grande amor.

Manoel, era seu nome. Passava o tempo e Maria só pensava nele, não aguentava sentir tanta saudade. Depois de dois anos saudosos, Manoel veio a São Paulo.

Já estavam com quase dezessete anos e não escondiam o amor que sentiam um pelo outro. O pai de Maria, porém, quando soube do namoro, não gostou nem um pouco, pois não simpatizava com o moço.

Os dois jovens enfrentaram todos os problemas e todas as pessoas porque se gostavam demais. Mas como a vida toma caminhos tortuosos, eles acabaram se separando e Maria casou-se com outra pessoa.

Ele também se casou e mudou-se para bem longe. Nunca mais se viram, nem tiveram notícias um do outro. Cada um seguiu sua vida.

Depois de catorze anos, num belo dia, Maria estava deitada na cama, lendo um livro, enquanto aguardava o marido tomar banho para servir-lhe o jantar, quando de repente, sentiu alguém se sentar à cabeceira de sua cama. Não viu ninguém, mas sentiu um grande arrepio. A mão de alguém passou por seus cabelos e por sua testa com muito carinho.

Maria não se mexeu, ficou petrificada, não conseguiu falar nem gritar, tamanho era seu pavor.

De repente conseguiu dizer:

— Ai meu Deus! Quem está aqui?

O marido, que estava tomando banho, saiu correndo nu, deixou o chuveiro ligado e começou a procurar pela pessoa por toda a casa. Pensou tratar-se de um ladrão, já que sua esposa não conseguia falar. Claro, não encontrou ninguém, e depois de desligar o chuveiro e pegar um copo d'água, perguntou:

— O que houve?

Maria tomou o copo d'água e, mais calma, explicou o acontecido.

No dia seguinte, a madrasta dela foi visitá-la com a notícia:

— Sabe quem morreu? O Manoel. Morreu ontem, às dez horas da noite. Ele havia colocado uma ponte de safena, passou mal e não resistiu.

Foi aí que Maria entendeu o que havia acontecido na noite anterior. Ele viera despedir-se de seu grande amor.

Para quem ama, não há distância. Acontecem muitos casos como esse. O tempo passou, mas Manoel continuou amando Maria. No momento da morte, sentindo que iria embora, desejou despedir-se dela e o fez com tanta vontade, que projetou-se ao seu lado, conseguindo acariciar seus cabelos e sua testa.

Embora não o tenha identificado na hora, Maria, sob forte emoção, o sentiu tão presente, que pensou tratar-se de alguém encarnado.

Mas a vida faz tudo certo e, no dia seguinte, a madrasta dela foi quem a fez identificá-lo.

Não é só na hora da morte que você pode visitar as pessoas em espírito.

Todas as noites, quando deixa o corpo durante o sono, isso pode acontecer. Tanto quando você ama como quando odeia. Se ficar pensando muito nela, pode, ao dormir, sair do corpo e projetar-se ao seu lado, mesmo não querendo.

Há casos em que inimigos encontram-se durante o sono.

Então brigam, batem-se, mas esquecem de tudo pela manhã, contudo acordam muito cansados e com dores no corpo.

Não é bom ficar ruminando a raiva, o melhor é direcionar essa força para algo positivo, procurando sair da mágoa, entendendo que cada um dá o que tem. Correr, fazer uma caminhada, ver um filme alegre, assistir a um *show*, conversar com alguém que você ama, tudo é válido para reconquistar o próprio equilíbrio. Você só terá a lucrar.

Caso enviado por:

Maria de Souza Moraes

Rua Prof. Koichi Kirchimoto, n. 211

Vila Moraes - São Paulo/SP

O Suéter

Aos 45 anos, Sílvio, pai de Dora, faleceu repentinamente, vítima de uma hemorragia gástrica. Dora estava com dezoito anos; o irmão Toninho, quinze; Arthur, onze e Daisy, apenas dois anos. A mãe, Mariazinha, tinha 36 anos.

Sílvio era barbeiro, trabalhava no bairro do Belém, onde morava com a família. Bastante conhecido, alegre, idôneo e conservador, descendente de italianos, ele não costumava fazer depósitos bancários, guardava suas diárias em um cofrinho que ele mesmo havia confeccionado, quando o casal ainda namorava.

Pagava seus funcionários, suas contas e, todas as noites, separava o dinheiro que dava para Mariazinha fazer as despesas. O restante, guardava no referido cofrinho.

Depois de alguns dias de seu falecimento, Mariazinha foi procurar o cofre, a fim de pegar o dinheiro para fazer as despesas domésticas, pois embora os dois filhos maiores já trabalhassem, o dinheiro que ganhavam não era suficiente.

Encontrou o cofre, mas não a chavinha para abri-lo. Os dias passavam e ela, inconformada, procurava a chavinha por todas as partes da casa.

Algumas semanas depois, quando Dora chegou a casa, depois de um longo dia de trabalho, encontrou sua mãe muito chorosa e quando lhe perguntou o que havia acontecido, soube da notícia:

— Sonhei com seu pai. Conversamos bastante, ele se apresentava muito bem e vestia uma blusa de lã azul. Estranhei estar vestindo aquele suéter, pois quando faleceu, estávamos no mês de fevereiro, era verão.

Levada por um impulso, ela foi procurar nos pertences do marido a tal blusa azul, que fazia parte de seu vestuário. Qual não foi sua surpresa, quando achou dentro do bolso do suéter, um pequeno volume de papel de seda e dentro dele, a tão procurada chavinha!

Mariazinha teve a certeza de que o marido apareceu para ela, por meio do sonho, para indicar onde estava a chave e mostrar-lhe que,

embora ninguém o visse, continuava presente na vida deles.

Dora recorda-se dessa história com muita saudade, apesar de já ter se passado mais de quarenta anos.

O amor continua mesmo depois da morte. Apesar da separação, os sentimentos permanecem e Dora teve a prova de que Sílvio, mesmo na outra dimensão, continuava visitando a família e se interessando pelo seu bem-estar.

Sílvio sabia que ela não encontrara a chave do cofre e decidiu ajudá-la.

As pessoas imaginam que os espíritos, vivendo no astral, continuam para sempre vestindo a roupa utilizada no velório. Isso não é verdade.

A dimensão onde passaram a residir não difere muito de nosso mundo. Há cidades, casas, jardins, animais, roupas, alimentos, lazer, trabalho — como aqui e muito mais.

Nós viemos de um lugar como esse e, ao morrer, é para lá que voltaremos. Há até quem diga que morrer é voltar para casa.

Assim como o corpo de carne é o instrumento que nos permite interagir no mundo terreno quando vivemos aqui, nosso corpo astral, do qual não nos separamos depois da morte, torna objetiva a dimensão onde passaremos a viver.

E nem poderia ser diferente, uma vez que voltaremos a reencarnar aqui e precisaremos manter ativas todas as funções necessárias à vida, que utilizaremos novamente na Terra.

No astral, os espíritos trocam de roupas, sim. Talvez seja mais simples para eles aparecer com as que foram enterrados, porque isso facilita a identificação.

Durante o sono, uma pessoa encarnada nem sempre está muito lúcida. Além disso, ao voltar para o corpo, esquece rapidamente o que viu no astral.

Por esse motivo o Sílvio plasmou o suéter para que Maria gravasse bem a cena e fosse procurá-lo, o que de fato aconteceu. Além de achar a chavinha, sentiu que o marido

**estava bem e continuava amparando e amando a família,
mesmo depois de morto.**

Caso enviado por:
Dora Aríete Bianchi
Rua Santa Virgínia, n. 486
Tatuapé - São Paulo/SP

Vestido Amarelo

Cláudia, muitas vezes em sua vida, sentia sensações estranhas, principalmente em dias quentes. Em algumas ocasiões, pressentiu ser atropelada e sentir sangue na boca. Tudo era horrível para ela. Muito atenta, atravessava as ruas com bastante cuidado.

Passavam em sua memória, lembranças muito claras e imagens de lugares que nunca tinha visto. Certa vez, viu uma menina de dez anos, morena, cabelos pretos, pés descalços. Vestia um vestido amarelo, estampado com flores vermelhas, tingido de terra vermelha, pois a casa encontrava-se no sertão.

Essas imagens eram recorrentes e Cláudia não entendia o que estava acontecendo.

Quando mudou-se para São Paulo, no litoral sul, não conseguiu emprego, então resolveu aproveitar seu tempo livre para a leitura de livros. Lia bastante e, um dia, leu sobre regressão de memória. Era uma história de ficção, mas pareceu-lhe tão real, que resolveu seguir passo a passo tudo o que a paciente do livro fazia, conforme as orientações do psiquiatra do livro.

Numa tarde muito tranquila, ela pareceu ouvir a voz do psiquiatra falando a ela pausadamente. Então, começou a regredir até a adolescência, infância, bebê e reconheceu nitidamente aquela menina do vestido amarelo. Ela via sua casa muito triste e humilde e resolveu subir os dois degraus e entrar.

Dentro da casa, havia um feixe de sol, que entrava pela porta e pela pequena janela, porém a cozinha era muito escura. Havia um fogão a lenha, uma mesa de madeira bem rústica e uma prateleira na parede. A menina estava muito triste, sempre estava assim, sem nenhum sorriso no rosto.

Cláudia foi invadida por um pressentimento ruim. A menina saiu da casa e, ao atravessar a rua, passou um carro de boi e a derrubou. Foi horrível, naquele momento ela estava no chão e várias pessoas a observavam. A menina, porém, olhava todos, mas não esboçava nenhuma reação, nenhum gemido de dor.

Nesse mesmo momento, Cláudia sentiu o gosto de sangue na boca e a sensação de imobilidade, desejava muito ser ajudada, porém ninguém ali a acudia, só a olhavam estáticos. Depois disso, Cláudia abriu os olhos e pôde sentir que estava novamente em sua sala e se sentindo muito mal, como se acabasse de presenciar um acidente. Era como se tivesse acabado de morrer. Pensou ser um pesadelo e então perguntou-se:

— Mas como pode ser? Estou acordada!

Naquele fim de semana, o pai de Cláudia veio visitá-la. Eles não moraram muito tempo juntos, seus pais brigavam demais e ele havia decidido separar-se da família. Além da saudade que ela sentia, nunca pôde escutar suas histórias.

Apesar de saber que esse assunto de regressão não fazia parte da realidade de seu pai, resolveu comentar o que havia acontecido.

— Minha filha, estou arrepiado com o que acaba de me contar — disse ele, com os olhos arregalados.

Então ele começou a contar uma história acontecida em 1952, no Rio Grande do Sul, onde ele nasceu:

— Conheci uma garota, de nome Guiomar, filha de um senhor que criava porcos e consertava painéis. Certo dia, ela foi buscar comida para os animais e acabou atropelada por um carro de boi. A menina era morena, cabelos pretos e lisos e sempre usava um vestido amarelo, estampado com flores vermelhas. Tal como na sua história, isso é incrível!

Cláudia foi, em outra vida, aquela menina de vestido amarelo que morreu atropelada por um carro de boi. Quando reencarnou, essas lembranças apagaram-se, mas permaneceram guardadas em seu inconsciente, como acontece com todas as pessoas.

O fato dela ver essa menina, de pressentir que algo ruim iria acontecer-lhe, chegar a sentir o gosto de sangue na boca revela que ela permaneceu pouco tempo no mundo astral e reencarnou em seguida. Quando isso acontece, as impressões ficam mais fortes do que o normal e as lembranças também. Esse deve ter sido o caso de Cláudia.

Pode acontecer também, que os espíritos que são muito impressionáveis e dramáticos fiquem mais impregnados pelas energias dolorosas de suas experiências ruins, por continuarem a alimentá-las mesmo depois do fato, podendo, na próxima encarnação, continuar a sofrer seus efeitos.

Esses pressentimentos podem ocorrer por outro motivo: captação das energias de pessoas (encarnadas ou não) que passaram ou ainda passarão por coisas desagradáveis.

Mas a sabedoria da vida, sempre muito amorosa e trabalhando em favor de todos, colocou nas mãos de Cláudia um livro sobre regressão. Ela interessou-se, provocou a experiência, descobriu a causa da incômoda visão, libertou-se do passado, do medo e ficou bem.

Caso enviado por:
Cláudia Luciano Rodrigues
Rua Sérgio Cardoso, n. 490
Saúde - São Paulo/SP

A Pianista

Na década de 1980, Maria do Carmo conheceu, no interior do Piauí, uma menina de quinze anos bastante franzina, que parecia ter onze, de tão mirrada e desnutrida. Ela, penalizada, resolveu ajudar aquela menina. Trouxe-a para São Paulo.

Em seus planos, queria colocá-la na escola, levá-la a um bom médico, tratar dela e encaminhá-la para uma profissão.

Pedi às filhas que ajudassem a alfabetizá-la, enquanto isso a menina ajudaria nos afazeres domésticos e Maria procuraria uma escola que a aceitasse.

Seu nome era Joana. Nunca havia estado em uma cidade grande, adorou a televisão e estava surpresa com tudo.

Irene, uma das filhas de Maria do Carmo, estudava piano e Joana ficava vidrada ao vê-la tocando. Certa vez, fizeram uma pequena reunião de adolescentes e Irene foi solicitada para tocar a fim de animar o ambiente. Ao começar a tocar algumas músicas populares da época, Joana começou a ter um comportamento estranho e assustador.

— Vou acabar com essa bagunça! — disse ela, aproximando-se do piano, com os olhos revirados e a voz rouca e grossa.

Irene foi empurrada e quase caiu ao chão. As pessoas ali presentes ficaram assustadas com a atitude daquela menina raquítica, que estava transfigurada e tomada por uma força descomunal. Ela levantou o piano como se fosse um banquinho e atirou-o em direção à janela. O piano ficou entalado, arrebatando a parede que existia em volta.

Aterrorizados, todos começaram a correr e a gritar, procurando a saída, enquanto Joana tentava tirar o piano da janela.

Maria do Carmo, desesperada, chamou os vizinhos, depois a polícia. Os homens não conseguiram contê-la, tiveram de solicitar reforço. Ela foi levada para um hospital psiquiátrico. Lá, ficou internada. Maria do Carmo avisou a família e ficou sabendo que a

menina tinha essas crises sempre com a mesma violência e força, e que se acalmava apenas quando um curandeiro rezava por ela.

Passaram-se três meses e a moça não melhorava, vivia dopada quase o tempo todo.

Maria do Carmo, sem saber qual atitude tomar, resolveu procurar uma médium, conhecida por Jussara, que realizava sessões espíritas e resolvia casos de possessão.

— Esta jovem está sendo perseguida por um espírito vingativo, que em vida passada fora seu marido. Déspota, ciumento, proibira a esposa de seguir a carreira de pianista, que ela tanto amava. Trancava-a em casa e espancava-a. Treloucado, ele a procurou até sua morte. Mesmo agonizando, prometia encontrá-la para acabar com ela. Por esse motivo, Joana deve participar de trabalhos espirituais para afastar essa entidade.

Maria do Carmo passou o nome completo de Joana para Jussara. A garota, então, prometeu que sairia do hospital e participaria espontaneamente do tratamento espiritual.

Durante muito tempo, Joana fez o tratamento e, a cada dia, foi conseguindo manter mais seu equilíbrio, porém resolveu voltar para sua cidade.

Lá teve algumas crises bem mais suaves, pois seguia as orientações aprendidas com Jussara.

Casou-se aos dezessete anos e teve um bebê. Depois do nascimento da criança, nunca mais foi assediada por tal espírito. Muitos acham que o espírito reencarnou como filho de Joana.

É provável que esse menino seja mesmo o marido violento que ela teve em outra vida. Podemos presumir, mas não afirmar que seja ele.

O fato de nunca mais ter tido nenhum ataque é uma prova favorável a essa possibilidade. Só a mãe dele poderia observar se as tendências eram as mesmas daquele espírito.

Conhecendo os antecedentes dele, que lhe foram revelados durante as crises que sofreu sob sua influência, ela deveria, desde os primeiros anos de vida, direcionar a

educação do filho com firmeza, plantando nele pensamentos de não violência e de paz.

Assim, aos catorze anos, quando chegasse o momento do espírito assumir mais domínio sobre a própria vida, as antigas tendências despontadas poderiam ser superadas com a interação do que aprendeu na nova vida. Essa fase seria menos dolorosa se a educação já houvesse plantado nele uma visão mais elevada das coisas e da vida.

Ao nascer, o espírito esquece o passado e, no novo corpo, recebe um cérebro novo que, como um filme virgem, registrará os novos ensinamentos.

Por esse motivo, a educação nos primeiros anos de vida é fundamental, para evitar que vícios antigos de outras encarnações reapareçam e assumam o comando, agravando e inutilizando problemas trazidos para essa experiência, cuja finalidade é resolver.

Depois dos catorze anos, torna-se muito mais difícil conseguir o mesmo resultado.

Caso enviado por:

Verginia Lídia da Silva

Rua das Carmelitas, n. 65 - apto. 103

Centro - São Paulo/SP

Fafi

Ao completar quinze anos, em 1965, Vergínia, além de estudar, começou um novo trabalho como recepcionista. Trabalhava durante o dia e estudava à noite. Saía de casa às sete horas e só retornava por volta das 23h30. No começo, seu irmão, Raí, ia buscá-la na saída da escola, mas era muito cansativo para ele. Depois de certo tempo, Vergínia arrumou três colegas, bem atléticos, para voltarem com ela. Eram irmãos e vizinhos dela. O caminho, de cinco quarteirões, era muito arborizado, porém pouco iluminado. Os quatro estavam sempre unidos e, por conta das conversas, brincadeiras e descontração nem viam o tempo passar.

Certa vez, porém, seus colegas faltaram à aula por causa de um luto em família, e ela teria de voltar sozinha, pois não conseguira avisar o irmão nem a mãe. Antes de andar os cinco quarteirões, ela ainda teria de pegar um bonde. Nesse dia, no bonde, quando retornava da escola, sentia-se muito apreensiva e amedrontada, pois pensava na possibilidade de alguém segui-la. Felizmente ela desceu e ninguém a seguiu. Ao dar alguns passos, deparou-se com um enorme cão da raça *collie*, parado na esquina, que veio ao seu encontro, abanando o rabo e olhando-a como se a conhecesse.

Em vez de sentir medo, ela fez-lhe carinhos, olhando para os lados para ver se ele estava com alguém. Não estava.

O cão, então, começou a andar ao seu lado, silencioso e manso. Ela, emocionada, lembrou-se da *collie* que tivera quando criança e sentiu-se segura. Mas ficou preocupada, aquele cão deveria ter um dono, era muito bem-tratado e, além disso, não poderia ficar em sua casa, pois ela tinha três gatos que odiavam cachorros.

— Vá, volte para sua casa, eu não posso ficar com você — disse ela.

O cão parou e inclinou a cabeça, como se estivesse entendendo o que ela dizia. Mas de nada adiantou seu pedido, quando ela começou a andar, ele continuou a acompanhá-la. Quando estavam próximos à casa de Vergínia, o cão se adiantou e entrou na vila em

que ela morava. Ao chegar, ela ficou surpresa, ele estava deitado perto de sua casa. Como sabia onde ela morava?

Ainda no portão, ela pôde observar que o cão trazia uma coleira amarela e nela estava escrito: "Fafi; raça: *collie*; sexo: fêmea. Endereço: Rua do Rosário, n. 47. Data: 11/4/1955". Eram os dados de sua cachorra, com a data de sua morte.

Arrepiada da cabeça aos pés, ela deixou o cão ali e correu até o portão de sua casa. Lá chegando, olhou para trás, mas o cão havia desaparecido. Lívida e com a boca seca, entrou em casa e foi tomar um copo d'água. Sua mãe, preocupada, acompanhou-a e perguntou:

— O que foi?

— Mamãe, acho que vi um fantasma.

Contando o ocorrido para a mãe, ela perguntou:

— Mas você leu mesmo essa data? A coleira era amarela?

— Sim, mamãe. Era a coleira da Fafi, com a data da sua morte gravada.

— Jesus! O espectro da cachorra protegeu você pelo caminho, como a protegia na infância. Isso é maravilhoso.

Na natureza, nada morre, apenas se transforma. Todo ser vivo tem alma e ela sobrevive quando o corpo terreno morre. Depois da morte, eles voltam a viver na outra dimensão do universo, onde viviam antes de encarnar aqui.

As plantas são filtros que depuram o ar que respiramos, fornecem energias positivas, curam doenças e são sensíveis às energias das pessoas. Quando essas energias são negativas, elas secam e morrem. Você nunca viu acontecer isso?

Todos os seres vivos possuem um princípio espiritual que sobrevive à morte e volta a viver no mundo astral, dentro de sua espécie, seguindo sua própria evolução.

Com os animais acontece o mesmo. Depois da morte de seu corpo terreno, seus espíritos voltam a viver no mundo astral a que pertenciam antes de encarnar.

Tanto as plantas como os animais conservam suas características, continuando sua trajetória evolutiva,

mantendo os mesmos sentimentos. São parte da natureza e ajudam o homem em sua estadia terrestre.

Quando tratados com respeito e amor, retribuem oferecendo-nos o que têm de melhor. As plantas dão lindas flores e excelentes frutos. Os animais dão amor, especialmente os cães, que estão mais próximos de nós no dia a dia.

É um amor incondicional, capaz de transformar uma pessoa, sensibilizando-a, tornando-a melhor. Esse amor continua depois da morte, uma vez que quem ama é o espírito e não o corpo que ficou na Terra.

A Fafi sentiu que sua querida dona estava temerosa e encontrou um jeito de fazê-la sentir-se protegida. É provável que tenha sido auxiliada por um espírito bom, que sabendo da ligação afetiva entre ela e sua dona, ajudou-a a materializar-se, não só para que se acalmasse, como também, para que tivesse a prova de que a vida continua igualmente para os animais.

Caso enviado por:
Verginia Lídia da Silva
Rua das Carmelitas, n. 65 - Apto. 103
Centro - São Paulo/SP

O Circo

Verginia tinha dez anos, quando seu pai abandonou sua mãe. Seu irmão, dezesseis. A mãe empregou-se como enfermeira e dividia com Raí as responsabilidades da casa. De manhã, ele era *office-boy* e, à tarde, cuidava de Verginia e da avó, Luíza, que era cega. À noite ele cursava o ensino médio.

Era excelente aluno. Verginia o achava muito autoritário e exigente. Na verdade, aquele rapaz tão jovem já exercia as funções de um chefe de família. Todos os horários dela eram controlados por ele. Ela não saía sem que estivesse acompanhada dele. Sempre se desentendiam, mas logo voltavam a se entender. Ele a levava ao cinema, ao teatro e a presenteava com vários livros. Era um grande companheiro e guardião.

Para desgosto de Raí e de sua mãe, Verginia casou-se muito nova. Depois de treze anos de casada e de três filhos, o casamento acabou.

Os problemas de relacionamento familiar, questionamentos sobre a vida e a inevitável separação levaram Verginia a buscar no espiritismo uma explicação racional. Na Federação Espírita de São Paulo, passou por vários tratamentos espirituais e começou a fazer os cursos para conhecer melhor os livros de Allan Kardec.

Para ela, tudo era difícil: aceitar as novas idéias, a reencarnação, os reencontros compulsórios, os resgates etc. Na época, exercia um trabalho estafante na rua. O cansaço físico e o sofrimento que estava vivenciando com a família contribuíram para que uma surpreendente experiência acontecesse em sua vida.

Num sábado, ela foi visitar a mãe e o irmão depois do trabalho. Após almoçar, recostou-se no sofá para descansar um pouco, antes de ir embora.

De repente, sentiu-se paralisada, observava tudo, sem poder pronunciar uma palavra nem se mover.

Sua mãe ofereceu-lhe café, porém ela não respondeu. Sozinha na sala, sentiu desligar-se do corpo, embora continuasse deitada no

sofá.

As paredes foram desaparecendo e ela sentia-se como se estivesse caindo num vácuo e, nesse estado, foi perdendo a consciência.

Voltando a si, o cenário que via era totalmente diferente. Estava nos bastidores de um circo. Os artistas iam e vinham, conversavam, exercitavam-se, alguns aguardavam para entrar em cena.

Ao olhar-se, viu-se vestida com um corpete de lantejoulas vermelhas, pernas de fora, meias rendadas, sapatilhas e uma baliza nas mãos. O colo e os braços eram sardentos e os cabelos longos, ruivos e encaracolados, completamente diferente de seu tipo físico atual.

Ela, muito apreensiva, reconheceu as pessoas que ali estavam. Aproximou-se de um homem de meia-idade, claro, magro, mas forte, vestido com roupas de trapezista. Ele, curvado, com a mão direita no peito, estava passando mal, como se estivesse sentindo dores. Estranhamente, ela lhe disse:

— Papai, você não pode entrar assim. Não está bem. Ramon vai substituí-lo hoje.

— Não. Vai passar. Sempre passa. Não se preocupe, filha. Vá, agora é sua vez.

— Celita, é a sua vez. Vamos! Entre! — disse uma voz.

Preocupada, Celita (Virginia) beijou o rosto daquele senhor e atendeu ao chamado com naturalidade. Subiu agilmente num cavalo branco, todo ornamentado, e entrou num picadeiro sob os aplausos da platéia. Executava incríveis acrobacias em cima do animal.

Novamente, sentiu-se escorregar por um vácuo... Nisso, já estava ajoelhada e, em seu colo, a cabeça do trapezista, que agonizava, segurando sua mão e falando fracamente:

— Não chore, Celita. Tenho de voltar para Deus. Seu velho pai já cumpriu seu tempo... Ramon cuidará de você... Não chore assim.

Assim, ela via seu pai morrer, enquanto uma pessoa lhe dizia, segurando-a e levantando-a fortemente:

— Celita, calma! Venha comigo. Ele se foi e nada podemos fazer. Não estará sozinha, eu sempre cuidarei de você. Venha!

Era Ramon. Ela tentou virar-se para ver seu rosto, mas um grande vácuo a puxou. No sofá da mãe, ela transpirava muito, mas não conseguia mexer-se. Seus olhos ardiam e ela pôde ouvir sua mãe dizer:

— O que você tem, filha? Por que está chorando? Transpira tanto! Nesse momento, ela voltou a si e, em sobressalto, pediu:

— Mãe, ajude-me.

— Você teve um pesadelo.

— Não, mãe. Não tive. Não dormi. Não dá para explicar, mas fui para outro lugar e não sei como.

— Você não está bem. Precisa tratar-se. Vou buscar as crianças para ficarem comigo — disse a mãe, abraçando-a.

Passados alguns dias, Verginia continuava cismada com o sonho, então foi procurar um amigo da Federação Espírita para relatar-lhe o ocorrido. Ele era estudioso de assuntos paranormais e achou que ela havia tido uma regressão espontânea a uma vida passada. Assim, ele a encaminhou a uma assistência espiritual e aconselhou a procurar um médico espírita, seu amigo, doutor Wilson Ferreira de Maio, excelente psiquiatra e profundo conhecedor do espiritismo e de regressões de memória.

Mas ela não foi.

Nesse meio tempo, a mãe de Vergínia ficou muito doente e veio a falecer. Ela aceitou a morte da mãe porque já era idosa e estava sofrendo, porém, três meses depois, o irmão, Raí, desencarnou tragicamente num acidente. Só então, inconformada, resolveu consultar-se com doutor Wilson.

Com ele fez um longo tratamento para equilibrar-se antes de fazer regressões. Quando o médico julgou oportuno, as sessões de regressão começaram. Depois de algumas sessões, houve uma em que ela regrediu até a época do circo, e pôde sentir as mesmas sensações do "sonho" que tivera. Então tudo ficou mais claro.

Descobriu que o trapezista era seu pai naquela vida passada e nesta também. Em ambas ela o perdeu. Ramon era seu irmão, encarnado na atual existência como Raí. Ele sempre foi um protetor abnegado, cumpridor do compromisso assumido.

Vergínia casou-se novamente, porém ninguém mais se preocupou e cuidou tão bem dela quanto seu querido irmão Raí. Depois de todos os tratamentos, ela aprendeu a aceitar melhor os reveses da vida, sem revolta, e a compreender as pessoas com as quais convive.

A reencarnação é um fato e já foi estudada por pesquisadores dedicados. A regressão espontânea chamou a atenção de cientistas que se interessaram em investigar o assunto. Essas investigações resultaram em provas, as quais foram publicadas em livros muito interessantes que dão uma visão positiva do fato.

Eu posso citar, por exemplo, o livro *Vinte Casos de Reencarnação* do professor Ian Stevenson, mas há outros.

Importante ressaltar a dedicação do engenheiro doutor Hernani Guimarães de Andrade, fundador do Instituto de Psicobiofísica, que durante muitos anos pesquisou casos de reencarnação, cujos resultados encontram-se registrados nesse instituto e podem ser estudados por quem desejar.

Há o filme *Minha vida na outra vida*, que relata um caso verídico, cujas pesquisas revelaram sua autenticidade.

Para quem quiser informar-se, há muitos fatos que comprovam essa realidade.

Fazer regressão pode esclarecer fatos mal resolvidos de outras vidas, mas só deve ser feita quando monitorada por pessoa habilitada, tal como o médico que atendeu Vergínia. Na Associação dos Médicos Espíritas, há alguns médicos que realizam esse atendimento com segurança.

No caso de Vergínia, notamos que o doutor Wilson primeiro cuidou dela e só fez regressão quando ela estava pronta para essa experiência.

Remexer fatos de outras existências poderá trazer à tona problemas que a vida, temporariamente, achou por bem ocultar, pois a pessoa ainda não está preparada e nem sabe lidar com eles.

Muitas pessoas passam pela experiência de, durante o sono, não poderem falar nem acordar. É um fato natural, que acontece quando o espírito está meio fora do corpo.

Isso assusta, pois percebem que não têm mais comando direto sobre o físico.

Uma só vida na Terra é muito pouco, pois não permite que o espírito aprenda tudo o que o estágio aqui pode oferecer. Apesar das dificuldades da vida na Terra, a reencarnação possibilita ao espírito continuar a desenvolver seus potenciais e a aprender a viver melhor.

Caso enviado por:

Vergínia Lídia da Silva

Rua das Carmelitas, n. 65 - Apto. 65

São Paulo/SP

Poesia

Em meados de 1960, Vergínia era estudante e se reunia com colegas para estudar, ora em sua casa, ora na casa de uma das amigas. Nessas ocasiões, o professor de francês organizava a sala de aula e formava duplas, para um trabalho oral que valeria pontos na nota final. O tema era livre.

Anette foi a parceira de Vergínia. Ela falava fluentemente o idioma. As duas combinaram apresentar uma poesia curta e fácil. Na apresentação, Anette lia em francês e Vergínia fazia a tradução.

Entretanto, ambas iriam decorá-la nos dois idiomas. As duas, então, passaram a estudar juntas as pronúncias:

— Vou recitar a poesia inteira, para você ouvir e perceber em que trecho deve suavizar ou enfatizar as palavras, assim não fica tão mecânico.

Se acontecer de ter de apresentar o trabalho sem mim, não vai fazer feio, não é?

— Quê! — exclamou Vergínia. — Nem pense em ficar de fora. Apresentaremos esse trabalho juntas, conforme o combinado.

— E seu eu adoecer, resfriar-me e ficar afônica? — falou ela, com um risinho maroto.

— Conversa fiada! Vamos, recite que eu quero aprender! Nem experimente ficar afônica! — ameaçou Vergínia, rindo e puxando a orelha da amiga.

E assim ela fez, recitou e, por fim, arrematou:

— Entendeu? É assim. Poesia tem de ter ritmo, senão perde o encanto. Traduza também o sentimento do poeta. Não se prenda só ao idioma, tá?

— Nossa! Com quem aprendeu tudo isso? Parece até uma adulta falando... Uma poetisa, mesmo.

— Com minha avó, que já morreu. Vovó "é" uma poetisa maravilhosa.

— Como, ela "é"? Não morreu? "Era", então.

— Tem razão, Vivi... Quer que eu lhe diga o poema mais uma vez?

— Quero sim. Pelo que vejo, adora poetizar também. Entendo por que insistiu nesse tema... Você ama poesia, não é mesmo?

Compenetrada, Anette começou a recitar os versos novamente, porém de olhos fechados.

No entanto, sua fisionomia mudou e, conforme se empolgava, ia se elevando do assento da poltrona e pairando no ar. Parecia não se dar conta disso. Diante do inusitado, Verginia achou que a colega estava fazendo magia para impressioná-la. Então, balbuciou:

— Anette, está certo... agora você é mágica também?

Ela nem a ouviu. Continuou recitando e subindo com uma expressão absolutamente diferente. Parecia outra pessoa. Notando que não era truque, Verginia foi recuando de mansinho, para fora da biblioteca, a fim de chamar a mãe da amiga, que já estava vindo chamá-las para um lanche.

A mãe notou que algo estranho estava acontecendo, pois Verginia não dizia nada, apenas apontava para a biblioteca. Apreensiva, ela entrou. Ao deparar com a filha no ar, recitando, toda enlevada, colocou o dedo nos lábios e pediu que Verginia não fizesse barulho.

Então puxou lenta e cuidadosamente a roupa da menina, tentando trazê-la para baixo. Havia uma resistência. Apenas quando a poesia foi concluída, ela começou a baixar bem devagar, abrindo os olhos e voltando a si.

A mãe, dona Denise, abraçou-a, dizendo algo em francês. Por cima dos ombros da filha, fez sinal para que Verginia não comentasse nada. E ela nem poderia, estava muda de espanto. Só havia presenciado algo parecido em apresentações mágicas de circo.

Na cozinha, ambas tomaram um lanche. Anette olhava para a amiga, meio encabulada, parecia que sabia o que havia acontecido. Verginia tinha apenas treze anos, era muito esperta, porém não compreendeu aquele fenômeno, mas pôde perceber que não era a primeira vez que aquilo acontecia.

Terminado o lanche, Verginia resolveu despedir-se. Dona Denise, porém, segurou-a pelo braço e pediu que ela guardasse segredo do que vira ali. Ela, educadamente, concordou, mas não resistiu em contar a sua mãe, que lhe pediu que não comentasse o fato com ninguém. Ela acreditava em milagres.

No dia da apresentação, como Anette previra, Verginia foi quem apresentou sozinha o trabalho todo, pois a amiga estava afônica. Apesar dos deslizes na pronúncia, elas obtiveram a melhor nota da classe, pela originalidade do tema.

Hoje, Verginia sabe que sua amiga podia entrar em transe e levitar, porque tinha esse dom, mas naquela época, e durante muito tempo, teve a amiga como uma santa. Ela quase devotara-se a ela.

A levitação é um fenômeno conhecido desde as mais remotas eras e muitos casos estão registrados em livros de diversas religiões. Muitos associam essas manifestações aos santos, porque vários deles tiveram essa capacidade.

Mas, por outro lado, há registros de alguns casos acontecidos com pessoas leigas e comuns, o que nos faz supor que esses fatos não sejam manifestação exclusiva de santos.

Mas como e por que a levitação ocorre? Os maiores estudiosos do assunto sabem pouco sobre a força da energia que provoca o fenômeno e têm opiniões divergentes entre si.

Entre as várias interpretações relacionadas à levitação, uma interessante explicação foi dada no início deste século, por um engenheiro mecânico, W. J. Crawford, professor da universidade de Queens, em Belfast, Irlanda.

Ele observou fenômenos de levitação entre os anos de 1914 a 1920, quando pesquisou a jovem médium irlandesa Kathleen Goligher, nascida em 1898. Crawford chegou à conclusão de que as levitações de Kathleen eram provocadas por bastões de ectoplasma (energia mista do mundo astral e material que permite atuar no mundo físico) emanados do corpo dela.

Essa hipótese pode ser viável, porquanto nas sessões mediúnicas de efeitos físicos, essa energia é utilizada não só para levitar objetos, mas também para materializar espíritos e torná-los visíveis aos seres humanos. O ectoplasma

também realiza transporte de objetos, que podem ser trazidos de longas distâncias.

Por esse motivo, acredito que Anette fosse portadora de grande quantidade de ectoplasma, liberado naturalmente ao sentir prazer — o que promovia sua levitação. Como na ocasião em que declamou a poesia de que tanto gostava.

Como se vê, muito ainda há para ser descoberto quanto aos fenômenos que envolvem ectoplasma e levitações em geral.

Caso enviado por:

Vergínia Lídia da Silva

Rua das Carmelitas, n. 65 - Apto. 103

Centro - São Paulo/SP

Uma Luz No Fim Do Túnel

Na época do fatídico Plano Cruzado, Verginia resolveu ser autônoma. Com o dinheiro da indenização do emprego anterior, resolveu abrir um salão de estética facial e corporal em sociedade com uma amiga. A sociedade não deu certo e elas acabaram fechando o negócio, mas restaram muitas dívidas com fornecedores. Com alguns poucos recursos, Verginia tentou reiniciar o negócio sozinha, em sua própria residência, já que não tinha como alugar um salão apropriado.

Ela fez seu *marketing* pessoal, anúncios em jornais, panfletos e aguardou o retorno. Para seu espanto, começou a ter dissabores com essas propagandas. Ingênua, ela ignorava que muita gente se infiltra nessa área de beleza, colocando anúncios em jornais e revistas, apenas como fachada para outra área: a prostituição.

Não aparecia ninguém. Ela só recebia telefonemas inconvenientes e propostas indecentes.

Suas dívidas estavam se acumulando. Aluguel atrasado, luz e telefone para serem cortados, além de outras dívidas pendentes do antigo salão.

Assim, ela resolveu procurar novamente um trabalho, para manter um vínculo empregatício.

Em razão da crise pela qual o país estava atravessando, tudo era difícil. Um dia, ela se desesperou ainda mais. Recebeu uma cobrança que lhe dava determinado tempo para saldar uma promissória, senão seu nome seria processado.

Procurou ajuda dos amigos, parentes e de todos os meios possíveis, mas não obteve sucesso.

Cansada, aflita e humilhada, chegou em casa aos prantos, caiu de joelhos e rogou a Deus que lhe desse uma solução. Chorou e orou muito.

Exausta, acabou adormecendo no tapete. Acordou com o telefone tocando. Um homem, do outro lado da linha, começou a conversar

com ela. A voz dele era calma, firme, clara e ele foi direto ao assunto.

Seu nome era Jairo e ele estava com problemas de acne avançada. Seu dermatologista recomendara que ele procurasse, paralelamente ao tratamento médico, os cuidados de uma esteticista facial para fazer assepsia da pele. Ele precisava dos serviços dela. Marcaram a primeira consulta.

Na verdade, ela não atendia clientes do sexo masculino, mas por conta da situação em que se encontrava, não podia escolher. Além do mais, aquele cliente parecia muito interessado em se tratar.

No dia marcado, às dez horas, a campainha tocou e ela foi abrir a porta. Era Jairo. Ele tinha cerca de vinte anos, estava bem arrumado, mas tinha a pele bastante problemática. Ela o examinou, explicou-lhe o tratamento, combinou o número de sessões e o preço. Ele concordou, marcou todas as sessões antecipadamente e, ainda, pagou tudo adiantado para garantir seus horários.

Ela não queria receber antecipadamente, mas pela insistência do rapaz, acabou aceitando.

Na hora de ir embora, o moço deu-lhe uma mensagem de Meimei, intitulada "Confia Sempre". Ela pensou: "Que coisa estranha".

Nesse dia, ela agradeceu muito a Deus por ter-lhe enviado aquele cliente, que, aliás, pareceu ser uma pessoa muito boa. E, com isso, sentiu-se mais animada.

O curioso, porém, foi que, a partir daquele dia, não faltaram clientes para Verginia. Os telefonemas desagradáveis cessaram e todos os que ligavam estavam interessados em seus serviços de estética.

No dia da primeira sessão de Jairo, ele faltou.

Ela olhou o calendário e se deu conta de que o prazo para quitar a promissória venceria no dia seguinte.

Um pouco indecisa, resolveu usar parte do dinheiro que Jairo havia lhe dado para pagar a dívida.

Jairo não apareceu na segunda sessão... e o rapaz não deu notícias. Por outro lado, a clientela de Verginia ia às mil maravilhas. Logo ela juntou o dinheiro que Jairo havia pago e o guardou,

previdentemente, pois acreditava que voltaria para pegá-lo, uma vez que não fizera o tratamento.

O tempo passou e Verginia nunca mais teve notícias dele. Até hoje se pergunta: "O que teria acontecido com ele? Teria sofrido algum acidente? Seria ele real ou um espírito enviado para ajudá-la?".

Nunca obteve resposta, tampouco Jairo apareceu. Encarnado ou desencarnado, Verginia acredita que ele foi enviado por Deus para ajudá-la, porquanto depois da visita dele, tudo mudou e ela começou a prosperar.

Depois de cinco anos depositando dinheiro numa poupança inicialmente aberta com o pagamento antecipado de Jairo, ela retirou todo o montante e o doou a uma instituição de caridade.

Verginia é uma pessoa de fé. Diante da situação difícil que não sabia como resolver, apelou para o espiritual e foi auxiliada. Há várias hipóteses sobre o que aconteceu. Uma: os espíritos sabiam que Jairo morreria naqueles dias e o encaminharam até Verginia, inspirando-o a deixar pago todo tratamento, como uma forma de ajudá-la.

Outra: algumas vezes o espírito se materializa. Como faz isso? Reveste seu corpo astral de ectoplasma e toma a aparência de um encarnado, tornando-se tangível e podendo atuar no mundo físico. Assim, ela teria sido auxiliada por um espírito desencarnado que teria obtido permissão do Plano Maior.

Em qualquer uma das hipóteses, ela deveria ter merecimento. A vida só age quando há mérito, e as atitudes dela comprovaram que a ajuda foi merecida.

Caso enviado por:

Vergínia Lídia da Silva

Rua das Carmelitas, n. 65 - Apto. 103

Centro - São Paulo/SP

Vidências

Marina, desde os oito, nove anos, tinha visões, e, conforme análise de seus pais, eram simplesmente mentiras e delírios.

Cresceu entre visões solitárias e desacreditadas, passando por muitas dificuldades na religião escolhida pelos pais e no colégio religioso em que estudava.

Na época, 1960, não era permitido que filhos manifestassem sua vontade, nem suas experiências com os amigos espirituais. Até seus 23 anos, já havia passado por várias religiões, mas não havia se firmado em nenhuma.

Ia seguindo sua vida, lutando com sua curiosidade e com a vontade de acreditar que Deus era um ser bom e não aquele que castiga.

Em 1981, grávida de sua primeira filha, Fernanda, e em repouso na casa de seus pais, Marina recebeu duas visitas: a primeira de uma pessoa, cobrando com muita austeridade, uma dívida que seu marido havia adquirido. A segunda do primo Francisco, que, percebendo sua decepção e tristeza, ofereceu-se para saldar a dívida e animou-a, falando sobre a gestação e amenidades. Ele acabou ficando para o jantar.

Ao despedir-se, já tarde da noite, envolveu Marina com muito carinho e colocou-se à disposição para auxiliá-la em caso de qualquer problema.

Para ela, a despedida teve um sabor único pela intensidade de afeto demonstrado. Diferente de todas as outras vezes.

Quatro dias passaram e Marina foi ao médico, na sequência, começou a arrumar a mala para a maternidade, sem perceber a movimentação que acontecia com seus pais.

Depois de seis dias, nasceu sua querida filha.

Ao voltar do hospital, recebeu a visita do primo amoroso, que dizia telepaticamente:

— Eu desencarnei, mas estou feliz que tudo tenha corrido bem.

Ele vestia um terno azul-marinho e parecia dez anos mais moço. Marina ficou surpresa quando soube de sua morte. Os familiares não haviam lhe contado sobre a súbita angina que lhe tirara a vida.

Diante do acontecimento, ligou imediatamente para sua mãe e ela confirmou o fato. Desde então, seus pais passaram a acreditar em suas vidências e a aceitar a vida após a morte do corpo físico.

Após vinte anos de seu desencarne, recebeu dele uma comunicação psicografada. Ele encontra-se muito bem, estudando em uma colônia de recuperação no plano astral.

Marina é kardecista, trabalha com desobsessão, faz cursos com Luiz Gasparetto, está divorciada, tem dois filhos e é artista plástica. Para ela, a vida sempre vale a pena. E acredita que quando seus mistérios são estudados, convertem-se em luzes na vida de todos.

Antigamente havia muito preconceito sobre mediunidade. As pessoas tinham medo de lidar com os espíritos. As religiões têm grande responsabilidade nisso, pois quando pregam o temor a Deus, dão ênfase ao pecado, ao castigo e ao diabo, que está sempre pronto a destruir. Tornam a morte um mistério trágico e, em meio a tudo isso, fazem do homem um ser incapaz, dependente delas para ser perdoado de seus pecados e não ser castigado por Deus.

Apesar da Bíblia ser o livro em que há mais manifestações de espíritos, continuam negando a influência deles.

Entretanto, a vida cuida do progresso humano e tem trazido provas de sua continuidade após a morte, desde o início dos tempos. Hoje as pessoas estão mais esclarecidas, pode-se falar sobre espiritualidade abertamente e há muitos cientistas pesquisando a alma, o cérebro, as energias que nos envolvem etc.

Muitos médiuns foram perseguidos por pura ignorância, ridicularizados, internados em manicômios e queimados em fogueiras. Por esse motivo, as pessoas sensíveis que viam ou falavam com os espíritos não contavam suas experiências a ninguém.

Ainda hoje há pessoas que omitem tais fenômenos.

Algumas delas que me mandaram os casos que estão neste livro, só se animaram a fazê-lo porque sabiam que seriam entendidas por mim.

O que aconteceu com Mariana foi natural. Seus pais não lhe contaram sobre a morte do primo, porque ela se preparava para o parto e preferiram deixar para depois, quando já estivesse bem.

Mas o primo não esperou e foi despedir-se dela no hospital. Sabia que ela o ouviria. Apesar da morte recente, ele já estava bem e teve permissão para vê-la. Esse fato serviu de prova aos pais dela e os despertou para a espiritualidade.

A vida aproveita todos os acontecimentos para dar prova de que a morte não é o fim e que nosso espírito é eterno.

Caso enviado por:

Marina Clemente

Rua Joaquim Távora, n. 550 - Apto. 91-A

Vila Mariana - São Paulo/SP

A Senha

Eduardo, falecido em outubro de 2000, era solteiro "nato". Tinha três irmãos casados e era o tio querido da família. Faleceu dormindo, sereno, vítima de um infarto.

Já contava com 61 anos e morava sozinho, desde a partida de seus pais. Passava seus dias cuidando das orquídeas e roseiras, como um profissional de jardinagem. Já era aposentado e resolveu fazer disso seu *hobby*.

Frequentava os cultos da igreja batista, por influência da família. Mas, de repente, começou a colecionar ímãs de geladeira com figuras de anjinhos. Seus irmãos, então, perguntaram:

— Como é, Eduardo, você agora acredita nisso? Veja lá, o que está acontecendo! Anjinhos, santinhos não fazem parte de nossa crença, nem são admitidos ou reconhecidos, você bem sabe disso!

Depois de seu falecimento, sua irmã sabendo que ele tinha uma poupança, começou a revirar a casa para tentar encontrar a senha da conta. Ela ia quase todos os dias à casa do irmão, dava comida ao cachorro e conversava mentalmente com ele, a fim de que a instruisse, pois o inventário estava para ser efetuado em breve.

Um dia antes da entrega dos documentos ao advogado, ela, desanimada, diante dos anjinhos grudados no armário da cozinha, começou a conversar em voz alta:

— Olha, Eduardo, hoje é o último dia para irmos ao banco; eu preciso achar a senha de sua poupança.

Nesse momento, ela teve uma intuição, uma voz ordenava:

— Puxe a cadeira, suba e olhe em cima do armário.

Sem titubear, ela fez o que a voz a instruiu e viu um papelzinho empoeirado e dobradinho, bem no canto do armário. Trêmula, leu arrepiada de emoção: *Senha, banco, em nome de Eduardo Kagis*.

Apesar de não acreditar em anjos, um poder maior atuou junto dela para provar-lhe que existe comunicação após a morte.

O que aconteceu com a irmã de Eduardo foi um fenômeno de telepatia. Não temos como saber qual foi o espírito que lhe deu a informação. Tanto pode ter sido um anjo quanto um espírito amigo, mas eu creio ter sido o próprio falecido, já que ele deveria ser o mais interessado em auxiliar a irmã.

Quando o espírito acorda depois da morte, constata que continua vivo tal como antes. É comum apalpar-se e sentir o físico igual ao que tinha no mundo, pois o corpo astral é sólido para quem vive na outra dimensão. Sente-se eufórico e o primeiro pensamento é manter contato com os que ficaram, principalmente quando sabe que estão sofrendo muito com sua partida.

Eduardo desejou que a família usufruísse do dinheiro deixado na poupança, que permaneceria inacessível, caso não lhes contasse a senha.

Também foi uma forma que encontrou para dizer-lhes que continuava vivo no outro mundo, amando-os como sempre.

Será que seus familiares, apesar de professarem uma religião que não admite a sobrevivência do espírito após a morte, depois desse acontecimento, não começaram a admitir a possibilidade?

Caso enviado por:

Sinhá Mattar

Rua Pires da Mota, 1160 - Apto. 22

Liberdade - São Paulo/SP

Almas Amigas

Simone era filha única de um casal e foi criada apenas por seu pai. Quando ela ainda era pequena, eles se separaram por conta de muitas brigas. Sua mãe casou-se com outro homem.

Pai e filha sempre tiveram muita afinidade, os mesmos gostos, senso de humor, amor pelos animais e natureza. Era penoso para ambos ficarem longe um do outro.

Um dia, no começo do ano de 2000, seu pai teve um comportamento estranho, completamente fora do normal. Eles discutiram e até ficaram sem se falar.

Naquela noite, para tristeza e desespero de Simone, seu pai faleceu, vítima de um ataque cardíaco. Ela entrou em pânico, chamou vizinhos e o IML.

Com o fato, Simone entrou em depressão, já que seu pai era a única pessoa em quem confiava. Além de ter perdido a pessoa que mais amava no mundo, sentia-se com remorso por ter brigado com ele. Passava seu tempo acendendo velas o dia inteiro, mal uma acabava, já acendia outra.

Um dia, a amiga Jô, que estava em Brasília, ligou para Simone, perguntando:

— Está tudo bem com você?

— Sim — respondeu apenas isso, por ser muito reservada e não gostar de se abrir com ninguém.

— Eu sei que está mentindo — disse ela. — Simone, não está tudo bem com você. Seu pai apareceu em um sonho e disse que é para você parar de ficar clamando por ele e de acender velas o tempo todo. Você o está atrapalhando muito. Ele está transtornado, pare com isso.

Depois desse telefonema, Simone parou de acender as velas e de clamar por seu pai. Um dia, sonhou com ele despedindo-se. Ele estava caminhando ao lado de várias pessoas, em direção a outro plano e acenava para ela que, parada, também acenava e gritava bem alto:

— Paaaa, eu te amo!

Seu pai, então, olhando novamente para ela, levava a mão ao coração como se dissesse:

— Eu também te amo.

Depois desse sonho, Simone acordou chorando muito, sentindo uma sensação indescritível de muita paz e a certeza de que somos eternos e que, um dia, encontraremos nossos entes queridos.

Simone encontrou-se com o espírito de seu pai durante o sono. Isso foi possível, depois do recado que recebeu dele, por uma amiga que estava longe e que não sabia que costumava acender velas e clamar desesperadamente por ele.

Para ela, isso foi uma prova de que a vida continua, o que lhe trouxe conforto, calma e aceitação. Esse estado permitiu-lhe encontrar-se com o espírito dele para que, finalmente, pudessem se despedir. É interessante observar que eles ficaram a distância, talvez isso tenha evitado mais emoções, já que elas poderiam impedi-lo de seguir seu próprio caminho. Um encontro desse, entre duas pessoas afins como eles, poderia despertar o desejo forte de não se separarem, o que não seria bom para ambos. Se a vida os separou, foi porque isso era necessário a eles. Sozinha, Simone precisaria assumir mais a própria vida, tomar decisões próprias, decidir seu rumo, desenvolver seus potenciais e aprender a tomar conta de si mesma — coisas que dificilmente faria se tivesse a proteção paterna.

Estou certa de que ambos estão aproveitando muito o amadurecimento que essa experiência trouxe.

Caso enviado por:
Simone S. Veloso
Rua Joinvile, n. 37
Embu/SP

Nunca É Tarde Para O Perdão

Maria de Fátima é de Minas Gerais, porém veio morar em São Paulo, há cerca de vinte anos. Seus pais eram separados e seu irmão mais velho era quem cuidava da família. Ele era muito querido, como se fosse o pai de todos os irmãos.

Um dia, quando Luiz estava em uma festa de aniversário, infelizmente sofreu um infarto fulminante e faleceu.

Nessa mesma noite, Maria também estava em uma festa de aniversário, aqui em São Paulo, e quando foi por volta das 23 horas, começou a sentir-se mal. Alguma coisa a incomodava e ela foi para casa.

Durante a madrugada o telefone tocou, era sua irmã de Minas avisando sobre o falecimento do irmão.

Maria não teve condições de ir ao velório, mas na madrugada, teve uma visão do irmão.

Ele se encontrava em um lugar muito bonito, com bastante gente, todos jovens, alguns sentados, outros em pé, porém ela não conseguia chegar perto dele. Todos conversavam alegremente. Seu irmão, de onde estava, falou com ela:

— Você parece indiferente comigo. Peço-lhe perdão, se, por ventura, fiz alguma coisa de ruim a você. Você é a irmã que mais admiro.

Algum tempo depois, Maria pôde ir a Minas Gerais. Sempre que ia lá, sonhava com o irmão. Uma noite sonhou que estava com ele.

Conversaram e ela perguntou:

— Luiz, por que você foi embora? Volta para cá...

— Eu não posso, mas um dia todos estaremos reunidos aqui — disse Luiz.

Certo dia, aqui em São Paulo, quando Maria foi a um centro espírita, ele se comunicou por intermédio de um médium e falou sobre alguns fatos ocorridos durante a adolescência. Citou uma briga

que tiveram, quando ele a repreendeu por algo que não havia gostado e, novamente, pediu-lhe perdão.

Maria respondeu que o perdoava e também pediu seu perdão. Desde esse dia, ele nunca mais se manifestou.

Maria sabia por que seu irmão a achava indiferente com ele. Eram vários os motivos. Ele era jovem e começou a andar com uns amigos, chegando altas horas da madrugada e, muitas vezes, alcoolizado. Querendo poupar a mãe, os irmãos reuniram-se e combinaram de tratá-lo com indiferença, para ver se ele melhorava.

Ele nunca soube o verdadeiro motivo daquele tratamento, por esse motivo, quando morreu, veio procurá-la.

Maria aprendeu muitas coisas após a morte de seu querido irmão, inclusive que devemos ajudar as pessoas próximas, quando ainda estamos vivos. Arrependeu-se bastante por ter sido ignorante com o irmão, que para ela era como se fosse um pai. Atualmente, espera a oportunidade de quando estiver no plano espiritual, poder abraçá-lo, coisa que poderia ter feito aqui na Terra, mas não fez.

Quando um jovem começa a comportar-se de maneira perigosa, bebendo demais, mergulhando nas tentações de uma vida desregrada, agir da forma como a família de Luiz escolheu não é recomendável, pois não surte o efeito desejado.

Nesse caso, o melhor seria ter se aproximado mais dele, travando um diálogo aberto e sem críticas, a fim de que aumentasse o grau de cumplicidade existente na família, o que fortaleceria, nele, seu lado positivo.

Ele sentiu o antagonismo de todos e, talvez, não tenha entendido bem o porquê dessa atitude. Atribuiu o fato a uma briga de adolescentes, o que não correspondia ao real motivo. Logo após a morte, quando foi procurá-la para pedir perdão, deixou transparecer a mágoa que sentia, O fato de Maria ter se sentido mal, na noite em que Luiz morreu, demonstra que os dois tinham grande afinidade espiritual.

Ele estava inconformado por ela haver se distanciado dele, tanto que o primeiro pensamento, no momento da morte, foi

para ela.

Maria também amava muito o irmão e em vez de deixar falar o sentimento de amor, preferiu entrar no papel social da repressão.

Luiz teve a humildade de pedir-lhe perdão, mesmo não tendo feito nada contra os familiares. Uma briga de adolescentes é comum e não pode ser levada a sério. Os familiares tiveram uma atitude equivocada e, portanto, eram eles quem deveriam ter pedido perdão.

Muitos pais agem dessa forma com os filhos. Acreditam que por serem seus genitores, precisam agir de maneira dura, confiando que o castigo resolve tudo.

A vida escreveu o final dessa história, ensinando que é melhor aproveitar os momentos de convivência com os entes queridos, enquanto estamos juntos, porquanto tudo tem um "prazo de validade" e é difícil saber quando ele vai terminar.

Caso enviado por:

Maria de Fátima Oliveira

Rua Manoel Martins Colaço, 246 - BI. 01 - Apto. 201

Jd. D Abril - São Paulo/SP

Sonho Real

Há muitos anos, Isabel tem sonhos muito interessantes. Mas um foi especial. Na verdade, ela os chama de viagens astrais, que trazem muita ajuda espiritual a ela.

Brasileira, casou-se com um inglês que estava morando aqui no Brasil, portanto, seus parentes moravam no exterior. Ela não conhecia nenhum parente do marido.

Uma noite, porém, teve um sonho cheio de detalhes significativos e muito reais. Caminhava em um cemitério e deparou-se com uma sala de velório. Sua arquitetura era antiga, redonda e as paredes eram de vidro. Em volta, existia um lindo jardim, todo gramado e com muitas árvores; tudo muito bem cuidado. Os túmulos eram no chão, apenas com lápides. Ali, Isabel organizava um evento: chá com biscoitos e bolachinhas para os presentes. Eles falavam inglês e ela não os entendia. Ela e o marido esperavam o corpo de alguém. Uma carruagem muito antiga parou em frente à sala, ao lado de uma frondosa árvore.

Dois homens, com cartola e capa até os pés, saíram dela.

Ao olhar para uma lápide, Isabel viu um homem tentando comunicar-se com ela. Depois de algumas tentativas, Isabel entendeu o que ele tentava dizer: queria que o corpo que acabara de chegar fosse enterrado junto ao dele, pois ambos eram amigos de longa data.

Isabel, então, comunicou ao marido, que explicou o caso à família do falecido, que concordou prontamente com o pedido.

Um mês depois desse sonho, o sogro de Isabel foi visitá-los em Guararema, trazendo a notícia de que seu cunhado havia falecido lá na Inglaterra. Ele trouxe algumas fotos e, para espanto dela, elas traziam o mesmo cenário do sonho que tivera. A carruagem, os homens, o local — tudo igual. E o mais impressionante foi que a família do falecido, cujo nome era Denis, enterrou-o ao lado do túmulo de seu melhor amigo, debaixo de uma linda árvore.

O incrível é que o sonho aconteceu antes de Denis falecer, o que levou Isabel a acreditar que tudo já estava sendo preparado antes de sua partida.

Todas as noites, quando dormimos, nosso espírito sai do corpo e, na maioria dos casos, não nos lembramos o que fazemos nesse período. Há vários tipos de sonhos. Algumas variáveis interferem neles, refletindo nosso estado emocional e espiritual.

A preocupação, o nervosismo, a pressão em uma situação difícil, a mágoa, a revolta e a raiva podem fazer com que a pessoa, ao adormecer, saia do corpo, mas permaneça ao lado dele, remoendo problemas e tentando achar soluções.

Esta pode tentar esclarecer assuntos, procurar desafetos, tomar satisfações, brigar, agredir e até apanhar. Quando isso acontece, na manhã seguinte, acorda indisposta, cansada e com dores no corpo.

O sonho pode também ser psicológico. Quando a pessoa já tem conhecimento suficiente para dar um passo à frente, mas não o faz, acomoda-se, tem medo da mudança, podendo ter sonhos que revelem o que não quer ver. São sonhos que se repetem, cheios de símbolos ou acontecimentos confusos, mas quando bem analisados, podem ser reveladores e facilitam o progresso.

A viagem astral é um sonho diferente. A pessoa deixa o corpo e conserva a consciência. Há pessoas que percebem a decolagem e podem ver o próprio corpo adormecido. O nome decolagem foi criado pelo doutor Waldo Vieira, médico espiritualista que estudou esse fenômeno. Ele saía do corpo desde os seis anos e ia conversar com os espíritos.

Fundou e dirige o Instituto de Projeciologia, na cidade de Foz de Iguçu. Ele afirma que quem passa por uma experiência assim, nunca mais terá medo da morte. Há pessoas que não veem a decolagem e só têm lucidez durante a viagem.

É um estado muito agradável e causa sempre forte impressão. A pessoa fica pensando no sonho o tempo todo.

Durante o processo, o espírito viaja no tempo e tanto pode rever o passado como perceber o futuro.

Foi o que aconteceu com Isabel. Por alguma razão que não sabemos, o espírito desejava que o cunhado dela fosse enterrado junto ao que restou do amigo. Então mostrou a lápide de seu túmulo para que Isabel o identificasse.

É possível que tenha havido, na ocasião, uma reunião no astral, entre os membros da família, e que o marido de Isabel tenha contado a previsão. Tudo foi feito conforme o espírito pediu. E, para Isabel e para a família do falecido, o fato serviu como prova de que a vida continua depois da morte. Eles deveriam estar precisando desse conforto.

Caso enviado por:

Isabel Rosa Rossino Gow

Guararema/SP

Mistérios

Nascida e criada até os 25 anos, na cidade de Franca, interior de São Paulo, Madalena conheceu seu atual marido e casou-se nessa cidade.

Atualmente com 72 anos, está viúva e mora sozinha na mesma cidade.

Apesar de já ter passado muitos anos, Madalena lembra de um acontecimento que marcou sua vida. A mãe era espírita e o pai, católico fervoroso. Madalena, espiritualista.

Certa noite, quando ainda era jovem, acordou e viu um mocinho sentado à beira da cama de sua irmã, que ficava paralela à dela. O jovem vestia um terno de brim cáqui e tinha um casquete na cabeça, como aqueles que os escoteiros costumam usar.

Madalena, muito assustada, deu um grito:

— Quem é você?

— O que aconteceu, filha? — veio correndo perguntar sua mãe.

Madalena silenciou-se e não disse nada, mas como estava com medo, sua mãe passou o restante da noite dormindo ao seu lado. Enquanto dormia, uma voz lhe dizia:

— Aquele jovem era o Chiquinho.

Na manhã seguinte, como era costume, a avó foi visitá-las. A mãe de Madalena, então, contou-lhe:

— Essa noite quase não consegui dormir, Madalena teve um sonho, gritou muito.

— O que aconteceu, Madalena?

— Eu sonhei com um mocinho, vi sua vestimenta e ouvi sua voz. Seu nome era Francisco.

Sua avó contou que conhecera um Francisco. Era primo-irmão de sua filha e fora criado pela bisavó de Madalena, porque era órfão de pai e mãe. Moravam em uma pequena cidade, Cristais Paulista, perto de Franca.

Num fatídico dia, ele foi a um bar comprar balas e o filho do dono do bar, que se encontrava sozinho no balcão, pegou um revólver do

pai, começou a brincar com a arma e puxou o gatilho, atingindo Francisco, que morreu na hora. Não se tratou de um crime, pois o garoto não tinha a intenção de matar.

Sua avó também contou que Francisco vestia-se como a neta o descrevera. A mãe de Madalena nunca soube dessa história.

Depois de tudo esclarecido, Madalena ainda teve outro sonho com o Francisco. Ela chorava muito, com a cabeça encostada no peito de sua mãe. Dois homens aproximaram-se e perguntaram:

— Mas ela gostava de Chiquinho?

Nesse momento, Madalena acordou e, ao olhar para a porta, levou um grande susto:

Francisco estava lá, parado, olhando-a e vestindo a mesma roupa do sonho anterior.

Madalena sempre teve sua vida marcada pela influência e presença dos espíritos. Recorda-se de acontecimentos espirituais marcantes e, frequentemente, é avisada, em sonhos, de fatos importantes que estão para acontecer, mas apesar disso, até hoje, não entende por que esse espírito apareceu a ela.

Os espíritos, quando podem, visitam as pessoas que amam e os lugares que fazem parte de suas lembranças boas ou não. Às vezes, o fazem em busca de solução para os assuntos mal resolvidos ou até para entenderem melhor acontecimentos passados.

Em encarnações sucessivas, as pessoas vão se unindo pelos laços de amizade, com o propósito de se auxiliarem mutuamente. Enquanto alguns estão encarnados, outros membros do grupo estão no mundo espiritual. Sempre que lhes é possível eles os visitam, inspirando bons pensamentos, torcendo para que progridam e possam regressar como vencedores de seus problemas.

Quando de repente uma pessoa se recorda de alguém que já partiu para o mundo espiritual, é provável que esteja recebendo a visita dele. Se a sensação é agradável, a pessoa está bem e deseja inspirar-lhe coisas boas. Se sentir-se mal,

é bom não aceitar sugestões mentais e evitar o negativismo, fazendo uma oração.

Todas as pessoas são influenciáveis pelos espíritos.

Pela telepatia, captam os pensamentos deles e acreditam que sejam seus.

Madalena tem mediunidade e pôde ver o espírito do Francisco. Não era um espírito ruim, mas ela assustou-se e teve medo. Ele fazia parte do grupo familiar dela, conforme o testemunho de sua avó, que conhecia toda a história dele.

Acredito que Francisco esteve lá, apenas para ver as pessoas da família, sem nenhuma intenção especial. Mas como Madalena estava com a sensibilidade aberta e o viu, ele aproveitou para dar o testemunho de que a vida continua após a morte. Eles não perdem a oportunidade de chamar a atenção das pessoas para essa verdade.

Caso enviado por:

Madalena R. de Castro

Rua Padre Conrado, n. 1768

Vila Conceição Leite - Franca/SP

Premonição Ou Projeção?

Em 1989, Iracinda morava com sua família numa cidadezinha que ficava no interior do Paraná.

Devido a problemas e grandes desentendimentos com o pai, Iracinda entrou em profunda depressão, que se juntando a outros problemas de saúde, levou-a a uma internação no hospital local.

Depois de uma semana de tratamento sem sucesso, o médico solicitou à família que a levasse para outra cidade, uma vez que naquele hospital não dispunha de recursos suficientes para tratá-la adequadamente. Ela não reagia ao tratamento, não se alimentava e parecia estar desistindo de viver.

Sua irmã, Inilda, resolveu trazê-la para Mauá, em São Paulo, onde morava. Aqui chegando, Inilda levou-a a um centro espírita para fazer um tratamento espiritual. Aos poucos ela foi melhorando.

Nessa mesma época, Inilda separou-se do marido, o que a levou a procurar um emprego para sustento seu e de seu filhinho de um ano de idade.

Ambas conseguiram emprego de doméstica.

Pela manhã, deixavam o pequeno na creche e juntas iam para o trabalho.

Certa noite, Iracinda sonhou que estava em uma rua movimentada e uma voz a chamava insistentemente. Quando olhou, o rapaz lhe disse:

— Moça, olhe a bolsa! Olhe a sua bolsa!

Nesse momento ela acordou.

Na noite seguinte, o sonho repetiu-se. Na terceira noite, novamente o mesmo rapaz, as mesmas palavras. Iracinda já estava ficando intrigada e contou para a irmã, que lhe disse:

— Olhe, você deve tomar cuidado. Isso talvez seja um aviso de que será assaltada e de que, talvez, levem a sua bolsa.

Passou uma semana e Iracinda esqueceu-se completamente do sonho. Um dia, ao descer do ônibus apressadamente, chegou a uma grande avenida, muito movimentada. Aguardou que o farol abrisse

para atravessá-la. Ao passar pela frente do ônibus, não percebeu um carro que chegava próximo à faixa de pedestres. Esse lhe deu uma forte pancada, atirando-a para frente.

Apesar de atordoada por ter batido a cabeça, levantou-se e tentou sair o mais rápido possível do local. Sentia muitas dores e tudo parecia girar ao seu redor.

O motorista do carro, muito preocupado, perguntou-lhe:

— Você se machucou? Por favor, entre aqui no carro que eu a levo ao hospital.

Ela, porém, não aceitou. Ao subir na calçada, o motorista que causara o acidente alertou-a:

— Moça, olha a bolsa! A sua bolsa, moça!

Apressadamente, ela voltou ao local onde havia caído, para pegar a bolsa que ali se encontrava. Olhou para o rosto do rapaz que causara o acidente e, surpresa, reconheceu-o, era o mesmo que aparecia em seus sonhos.

O farol então abriu, o rapaz se foi e Iracinda nunca mais o viu, nem sonhou com ele.

Teria sido uma premonição ou uma projeção?

É mais provável que tenha sido uma premonição. São conhecidos muitos casos em que um sonho, uma visão ou uma intuição antecipem o futuro para uma pessoa. Foi assim, por exemplo, com o presidente norte-americano, Abraham Lincoln. Tempos antes de seu assassinato, sonhou com seu próprio corpo sendo velado na Casa Branca. Ele confidenciou o sonho a um amigo, que o anotou em seu diário, e relatou o fato depois de sua morte. A premonição é a capacidade que alguns têm de viajar no tempo, e tanto podem ver o passado como o futuro.

Iracinda é uma delas e essa experiência poderá vir a acontecer outras vezes.

Esse fato foi mostrado a ela, para que ficasse atenta quando andasse em uma rua movimentada. Se o tivesse feito, talvez tivesse evitado o acontecimento. Mas ela só se recordou disso, quando o acidente já tinha ocorrido.

A maioria das pessoas que possuem essa faculdade não gostam quando têm uma premonição ruim. Principalmente quando se refere a uma pessoa famosa, à qual não têm acesso. Há o caso famoso de uma mulher, em uma cidade dos Estados Unidos, que sonhou que o Presidente Kennedy seria assassinado na cidade de Dallas.

Quando soube da notícia de que o presidente iria a essa cidade, desesperada, procurou as autoridades, pedindo insistentemente a todos que avisassem o presidente do perigo. Mas ninguém a levou a sério e o fato aconteceu.

Qual seria a utilidade de um fato como esse? Por que avisar alguém que não teria como ser impedida?

Talvez tenha sido para mostrar que o ser humano possui outras capacidades que vão além dos cinco sentidos, que precisam ser estudadas e levadas a sério. Seja como for, essa história levanta a ponta do véu que cobre os mistérios da vida.

Caso enviado por:

Clarice Victoria Dias

Rua Celso Augusto Nunes, n. 53

Mauá/SP

Um Anjo

Em agosto de 1997, Izaltina estava no sexto mês de gravidez. Tinha uma filha de três anos e havia perdido um bebê prematuramente. Tudo corria bem até que uma noite ela sonhou com o pai já falecido.

— Tina, você está grávida, não é? De qualquer maneira ele teria de vir. Tome, esse é Maurício, cuide bem dele. Faça por ele o que nunca pudemos fazer. Você terá muito trabalho, mas no fim verá que valeu a pena, pois ele lhe trará muita alegria.

Na manhã seguinte, Izaltina lembrou-se do sonho e contou para o marido, a mãe e as irmãs.

Passada uma semana, ela começou a sentir-se mal e foi encaminhada ao pronto-socorro, onde foi informada que seu bebê estava morto, não havia nada a ser feito. Sob protestos de Izaltina, dizendo que o bebê estava vivo, o médico providenciou uma cesárea e o bebê nasceu vivo.

Apesar de ser um bebê muito pequeno, com 38 centímetros, um quilo e duzentos gramas, ele foi levado ao berçário, com pouca chance de sobrevivência. O bebê só teria alta quando estivesse com dois quilos. Izaltina conseguiu um quarto com incubadora para ficar sozinha com ele.

Na primeira semana de internação, o hospital recebeu a visita de um senhor, dizendo que tinha como missão visitar os doentes e fazer orações.

Disse também que recebera uma ordem espiritual de que deveria visitar um bebê que estava no berçário. Ele o procurou no berçário, mas sentiu que ele não estava lá. Levaram-no ao quarto de Izaltina. Lá chegando, aconselhou:

— Izaltina, tenha fé, esse menino lhe trará muitas alegrias. Ele veio para cumprir uma missão muito importante.

Paulo, o senhor com tão bela missão, voltou várias vezes ao hospital para orar e pedir pelo fortalecimento de Maurício.

Numa noite, depois de uma parada respiratória, o médico ficou sem esperanças de que sobrevivesse. A mãe desesperou-se, porém o menino era teimoso e venceu. Depois, ainda teve mais duas paradas respiratórias, mesmo assim continuou vivo.

Na manhã seguinte, sem ser esperado, Paulo foi visitá-lo e o menino melhorou muito. No mesmo dia, no horário de visitas, Paulo apareceu novamente e Izaltina comentou com ele que, depois de sua visita matinal, ele havia melhorado bastante, ao que Paulo respondeu:

— Mas hoje pela manhã eu não estive aqui.

Izaltina ficou espantada, tinha certeza de que o havia visto ali.

Passados 45 dias, o bebê teve alta, mas o médico alertou a mãe de que ele, talvez, tivesse sequelas na fala, nos reflexos etc., devido às paradas respiratórias.

Apesar de todas as previsões médicas, o menino até hoje não apresentou sequela alguma e seu desenvolvimento é totalmente normal. Izaltina é muito grata à ajuda daquele homem, que tantas energias benéficas passou a seu bebê.

No mundo, há muitas pessoas doentes e os hospitais estão lotados com pessoas que, por suas escolhas equivocadas, foram parar ali, necessitadas de tratamento. Hoje a ciência comprova que desequilíbrios do comportamento são refletidos no corpo físico, criando doenças, as mais diversas. Algumas tornam-se crônicas, mas podem ser curadas, quando a pessoa muda sua forma de pensar.

É fácil verificar essa verdade, observando o que sentimos. Sempre que algo novo e inesperado acontece-nos, na mesma hora o corpo dá um sinal.

A matéria não pensa, é comandada pelo espírito. Quando ele vai embora, o corpo se decompõe rapidamente.

O espírito é luz, chama, não tem corpo. O corpo é o instrumento de manifestação do espírito. Ao deixar o corpo de carne, ele conserva o corpo astral, com o qual viverá na outra dimensão. A saúde desses corpos resulta de como o espírito que os comanda os percebe e age no dia a dia.

Um espírito desequilibrado, certamente terá saúde problemática, mesmo depois dele ter deixado o corpo de carne. Há casos tão graves, em que mesmo estando na outra dimensão, as doenças continuam.

Os hospitais do astral estão lotados de espíritos em tratamento. Quem consegue refazer o corpo astral, ao reencarnar de novo, consegue construir um corpo saudável. Mas quando o corpo astral ainda apresenta sequelas, elas se refletem no novo corpo em formação, uma vez que o perispírito (corpo astral) é o organizador biológico dele.

O bebê de Izaltina teve muita dificuldade para nascer e se conservar vivo. Tudo foi programado com cuidado, pelos espíritos superiores que tratam da reencarnação, o que faz crer que esse espírito, mesmo tendo machucado muito seu corpo astral com seus desacertos, tinha merecimento para receber tanta ajuda espiritual.

Primeiro preveniram a mãe, dizendo que o bebê viveria e venceria as dificuldades. Depois o sustentaram energeticamente, encaminhando uma pessoa, o Paulo, um doador de energias de cura, para fortalecê-lo. Como não bastasse, materializaram um espírito com a aparência do Paulo, para intervir e fazer algo definitivo. Esperemos que, depois de tanto sofrimento, o espírito desse menino aproveite a oportunidade e conquiste tudo que veio buscar. A vida está apostando nele.

É bom saber que, aconteça o que acontecer, ninguém estará desamparado. Os espíritos de luz, anjos do bem, estão sempre auxiliando os que precisam.

Caso enviado por:

Clarice Victoria Dias

Rua Celso Augusto Nunes, n. 53

Jd. São Jorge - São Paulo/SP

Laços Eternos

Era Natal de 1996, Ivani encontrava-se deitada. Por volta das 6h30 da manhã, ainda meio sonolenta, olhou para a porta do quarto que se encontrava entreaberta e viu um rapaz, vestido com uma roupa azul-clara. Seu rosto estava encoberto por uma névoa, não dava para enxergá-lo nitidamente, mas era possível ouvi-lo:

— Mãe, vou ajudar a senhora.

Ivani admirou-se, pois todos os seus filhos estavam dormindo. Mas Fabinho não, morrera ainda bebê, com onze dias de nascido. Isso há 21 anos.

— Mãe? — perguntou ela, aturdida.

— A senhora não se lembra?

Nesse mesmo momento, ela lembrou de seu filho Fabinho e de três abortos que fizera. A névoa que cobria o rosto do rapaz desapareceu e Ivani pôde vê-lo.

Ele era lindo, pele clara, dentes brancos, cabelos pretos e bem cortados. Sorrindo, ele desapareceu.

Ivani achou-o muito parecido com seu filho Maurício e, durante muitos dias, aquela lembrança ficou em sua memória. Achou que era mesmo Fabinho.

Como Ivani sempre tinha pressentimentos, era muito atenta a todos os sinais que recebia e, em março de 1997, a voz de uma mulher sussurrou em seu ouvido:

— Você vai sofrer uma tristeza muito grande, vai precisar ser muito forte para suportar. — Muito assustada, Ivani foi até o quarto de sua filha Eliza e contou-lhe o que havia escutado.

À tarde ela foi até a casa de Elaine, sua outra filha, e também lhe contou o fato, dizendo:

— Se seu pai morrer, não vou saber cuidar sozinha de seu irmão Emílio, que tem aqueles problemas com drogas.

— Mãe, não se preocupe, isso não deve ser nada, é só preocupação — disse Elaine.

Quatro dias depois do aviso, de madrugada, Ivani acordou assustada e sentou-se na cama.

Olhando para o relógio, viu que era 1h50 da manhã e pensou que seu marido já estivesse se arrumando para ir trabalhar. O costume dele era levantar-se às 3h30, pois era motorista de ônibus.

Ela então se levantou e foi procurá-lo na cozinha, no banheiro, mas não o encontrou.

Olhou pela janela e notou um carro estacionado em frente ao portão de sua casa, com os faróis acessos e a porta aberta.

Estavam ali, Vando, o marido; dois colegas de Emílio e outros dois rapazes que ela não conhecia.

Ivani ficou aturdida e lembrou-se do aviso.

Correu para dentro de casa à procura de Emílio. Seu quarto estava vazio. Nesse momento seu coração de mãe já lhe avisava que ele estava morto.

Ivani quase enlouqueceu quando seu marido entrou e ela perguntou:

— Mataram o Emílio?

Seu marido, sem nada dizer, confirmou com a cabeça. Emílio era um moço bonito, forte e tinha apenas trinta e um anos. Estava morto, com vários tiros de arma pesada. Ivani perguntava-se o que seria dela sem poder mais vê-lo, como sobreviveria?

Em estado de choque, não compareceu ao enterro. Estava desconsolada, perdida. Lembrava-se de Fabinho e agora de seu filho, que perdera a vida tão tragicamente.

Depois de três meses, na casa da filha Elaine, a cunhada dela, Marili, lia um livro que chamou sua atenção:

— Marili, posso dar uma olhada neste livro?

Para surpresa de Ivani, tratava-se do livro *Laços Eternos*. Marili era espírita. A leitura do livro, deu ânimo e forças para que Ivani retomasse a vida. Saber que a vida continuava depois da morte, confortou-a. Ela teve a certeza de que um dia poderia encontrar seu filho novamente.

Sem a ajuda do espírito de Fabinho e a leitura do livro, Ivani teria sucumbido. Atualmente, depois de alguns anos, ela está mais tranquila e confiante em Deus.

Depois da morte de Emílio, ela sonhou com ele e soube que tudo estava bem.

A vida continua depois da morte, Ivani descobriu essa verdade e sentiu-se confortada. Seu filho Fabinho morreu poucos dias após o nascimento, mas apareceu a ela já adulto. É que ao regressar ao mundo astral, o espírito retoma a aparência e personalidade adultas. O tempo de amadurecimento do corpo astral depende das condições emocionais e espirituais do espírito. Quanto mais evoluído e equilibrado ele for, mais rápido isso acontecerá.

É interessante saber que depois da morte, não importando a idade com que a pessoa morreu, será possível recuperar a aparência que mais julgar agradável e confortável. É fato comum, que pessoas ao sonharem com um parente falecido, encontram-no rejuvenescido.

O corpo astral é composto de uma matéria especial, muito plástica, capaz de transformar-se no bebê que vai nascer, e até mesmo de fazer o velho que morreu rejuvenescer. Por um processo natural, o espírito plasma o corpo astral, conforme sua idade mental.

O espírito de Fabinho era afeiçoado à mãe e tinha conhecimento de que Emílio envolvera-se com pessoas perigosas. Por isso, aproximou-se dela, talvez até na tentativa de ajudar o irmão e evitar o pior. Não conseguiu.

Ao reencarnar, Emílio teve a chance de vencer o vício, mas não resistiu. Fracassou e acabou morrendo tragicamente.

Ninguém é vítima. Cada um escolhe o próprio caminho e colhe o resultado. O fato de Ivani tê-lo recebido como filho denota que ela já o conhecia de outras vidas, ou até que, ao saber que ele precisava nascer para testar a disposição para deixar o vício, tenha querido auxiliá-lo.

O espírito, quando está vivendo no astral, onde tudo é mais claro, esforça-se para manter o equilíbrio, fica bem e acredita ter vencido os vícios. Entretanto, ao esquecer o passado e ficar sob influência da matéria, as tentações reaparecem fortes.

O vício é um hábito que, se utilizado durante muito tempo, transforma-se em condicionamento, só podendo ser vencido se a pessoa assumir toda a força espiritual. Só o espírito tem o poder de dominar a mente, mas isso somente ocorrerá, quando quiser aceitar o fato.

Nunca faltou à Ivani, o auxílio de amigos espirituais. Lembrando que estão sempre dando provas de que o espírito é eterno e que, um dia, todos os fracassos serão transformados em sucesso. Só é preciso ficar no bem, confiar e esperar.

Caso enviado por:

Ivani Leite Gomes Costa

Rua José Martins dos Santos, n, 438

Guaianazes - São Paulo/SP

Uma Visita Especial

Elisabete era casada com Adilson. Ambos decidiram que era chegada a hora de ter mais um filho, uma vez que haviam se programado para isso somente até os trinta anos. Assim, sobraria tempo para Elisabete estudar e depois poder cuidar dos filhos e da casa.

Grávida de dois meses, subiu em uma tábua feita de ripas que sustentava as flores do jardim, quando uma delas quebrou, fazendo-a cair e causando o descolamento de sua placenta.

Ela teve de passar sete meses na cama, sem poder movimentar-se muito, pois perdia muito sangue. Ela e o bebê estavam correndo um grande risco. O médico recomendou um aborto, porém Elisabete recusou-se, preferiu fazer repouso absoluto para que tudo corresse bem até o fim.

Para passar o tempo, ela confeccionava roupinhas para o menininho que chegaria no mês de julho de 1988.

Aos sete meses, Adilson, que sempre foi um pai amoroso e gentil, abraçava a enorme barriga dela e conversava sempre com o bebê. Numa dessas vezes, os dois falavam sobre qual seria o nome do bebê. Estavam em dúvida entre Lucas e Gustavo.

Logo após a conversa, sem nada decidirem, Adilson saiu do quarto para cuidar de seus afazeres.

Elisabete, muito apreensiva e feliz, acariciava sua barriga e perguntava ao bebê:

— Qual nome que você mais gosta: Lucas ou Gustavo?

Nesse ínterim, ela acabou ressonando. Meio acordada, olhou em direção à porta do quarto e viu um rapaz alto, olhos claros e cabelos castanhos como os seus, de braços cruzados, olhando-a ternamente e esperando por seu olhar. Apesar de ter sentido grande ternura pela calma que ele transmitia, ela assustou-se e perguntou:

— Quem é você?

— Sou seu filho — disse sério, apontando para sua barriga.

— De jeito nenhum, — retrucou Elisabete —, meu filho é bem loiro, cabelos dourados e tem só oito anos e este que espero ainda não nasceu, não tenho filho do seu tamanho.

Ele sabia que ela não entenderia nada, pois conhecia pouco da vida espiritual, mesmo assim explicou-lhe:

— Você quer saber o nome que eu quero ter? Eu vim escolher, eu quero ser chamado de Gustavo, não gosto do nome Lucas — disse ele, muito calmo.

Ainda olhando para Elisabete, jogou um beijo carinhoso e se foi. Era um espírito, estudando e se preparando, fora do corpo do bebê, para reencarnar.

Contando ao marido, ele disse:

— Se ele quer assim, vamos chamá-lo de Gustavo.

E assim aconteceu. Gustavo nasceu em 2 de julho de 1988. Quando nasceu de uma cesariana, tinha dois colares de cordão umbilical ao redor do pescoço. Se o parto tivesse sido normal, com certeza teria morrido enforcado.

Elisabete, então, resolveu agradecer a graça pelo nascimento do filho, na Igreja de São Brás, no bairro Brás, em São Paulo.

Os anos se passaram e, atualmente, Gustavo é um menino carinhoso, interessadíssimo pelo mundo espiritual e até já fez um curso de projeção astral. O conhecimento que ele tem surpreende todos os seus familiares. Sempre que sua mãe vai fazer algum curso, antecipadamente ensina o assunto a ela.

Hoje, vendo Gustavo com seus olhos claros e cabelos castanhos como os dela, relembra do sonho, dos modos daquele rapaz que lhe apareceu, e percebe que se trata exatamente do mesmo garoto, só que agora encarnado. Até a maneira de jogar beijo é igual à do garoto do sonho.

Seu filho é um ser especial, transmite paz e carinho a todas as pessoas com quem convive, e todos se sentem atraídos por sua energia.

O sonho que teve com o espírito de seu filho, durante a gravidez, foi um encontro astral. Ele aproveitou, quando

você deixou o corpo durante o sono, para fazer contato e responder à sua pergunta.

Talvez, porque os pais nem sempre escolhem um nome de que o espírito reencarnante gosta. Eles, sempre que possível, se comunicam durante o sono e dizem como querem se chamar.

Comigo aconteceu a mesma coisa. Eu tinha já três meninos, quando engravidei novamente. Naquele tempo, ainda não havia o exame que mostra o sexo do bebê. Só se sabia quando ele nascia.

Dos dois primeiros filhos foi fácil escolher os nomes. O mais velho era o primeiro neto de meu sogro, que se chamava Pedro, então ficou sendo Pedro Luiz. Notamos que meu pai, que se chamava Antonio e sempre foi muito apegado comigo, já estava doente, falecendo antes do nascimento de meu segundo filho. Para homenageá-lo, o menino chamou-se Luiz Antonio.

Quando nasceu o terceiro menino, já no dia seguinte, Aldo Luiz, meu marido, sem me dizer nada, foi a um cartório e o registrou com o nome de Irineu — sugestão com a qual ninguém concordara. Foi uma surpresa.

Talvez tenha sido por esse motivo que, quando eu estava com quase cinco meses de uma nova gravidez, certa noite dormi, e me vi em uma casa muito antiga, onde havia uma senhora já idosa, com cabelos brancos presos à nuca, em um coque, a me esperar.

Recordo-me que nessa casa os móveis eram de madeira lavrada e havia toalhinhas de crochê sobre eles. Não me recordo sobre o que conversamos, só sei que quando nos despedimos, eu já estava voltando ao corpo, e ela recomendava repetidamente:

— Não se esqueça! Meu nome é Silvana! Eu quero chamar Silvana!

Acordei ainda ouvindo a voz dela repetindo essa frase.

Nessa hora, meu marido acordou, notou que havia algo diferente e perguntou:

— O que foi?

Ao que respondi feliz:

— **Desta vez é menina! Vamos ter uma menina!**

— **Como é que você sabe?**

— **Ela disse que quer se chamar Silvana.**

Ele duvidou um pouco, pensando que, como eu queria muito uma filha, estaria confundindo as coisas, mas respondi:

— **Se for menina, chamará Silvana.**

Depois que ela nasceu, Aldo contou-me que se ela não tivesse escolhido o nome, ele gostaria de chamá-la de Mirandea. Sabendo disso, ela foi mais rápida do que ele!

Caso enviado por:

Elisabete Godoy Lefone

Rua Rio Grande do Sul, n. 693

Itaquaquecetuba/SP

Moleira Aberta?

Adilson chegou a casa apavorado e super-preocupado. De sua testa até a nuca, abriu-se uma fenda de pouco mais de meio centímetro. A princípio, todos ficaram preocupados.

— Meu Deus, corra para o médico, isso deve ser alguma coisa grave! — alertou Elisabete, sua esposa.

Nesse meio tempo, Elisabete chamou uma amiga, que trabalhava no hospital, para visitá-lo. Muito assustada, ela se ofereceu para levá-lo ao hospital, onde conhecia um dos médicos que estava atendendo naquele dia. Chegando ao hospital, a amiga providenciou atendimento imediato, e quando o médico o examinou, resolveu fazer uma junta médica para analisar o caso. O médico estava surpreso, aquilo só acontecia quando a pessoa sofria um traumatismo craniano, o que não era o caso. Então ele foi dispensado e marcada uma nova consulta.

Enquanto ele estava sendo atendido no hospital, a sogra levou seu nome com uma peça de roupa para uma benzedeira e disse à filha:

— Não comente nada com ele, sei que não gosta desses assuntos.

Ao chegar da benzedeira, sua mãe perguntou:

— Filha, o que o Adilson fazia no centro de umbanda, antes de vocês se casarem?

— O Adilson na macumba? A senhora está louca, ele detestava quando sua tia e avó iam ao centro para se benzerem. Ele acha isso tudo um charlatanismo.

— A benzedeira falou que isso na cabeça dele vai sumir, mas tudo aconteceu como consequência do tempo em que ele batia atabaque no centro, quando tinha entre quinze e dezesseis anos. Ele abandonou tudo, mas precisa voltar, estudar e aprender. Ela benzeu a blusa e disse que ele deve dormir com ela. Mas não toque no assunto com ele.

Ao retornar do hospital, muito triste, porque teria de passar pela junta médica na manhã do dia seguinte, Adilson foi tomar banho e pediu à esposa que providenciasse uma camiseta e uns *shorts*.

Apesar da camiseta estar com cheiro de fumo-de-corda, ele nem sentiu. À noite, Elisabete, muito cuidadosa e calma, perguntou:

— Alguma vez você bateu atabaque em algum centro?

— Quem te contou? — perguntou ele apavorado. Eu bati sim, por farra com meus primos. Eu tinha por volta de quinze, dezesseis anos. Nós íamos por causa do batuque e para tomar cerveja de graça. Mas achávamos tudo uma grande sacanagem, o pessoal do centro tirava dinheiro das pessoas e não faziam nada para ajudá-las. Vendo isso, acabei desacreditando e saí, cansei.

Elisabete, então, lhe contou sobre a benzedeira e a camiseta. Ele foi dormir, porém não tirou a camiseta.

No dia seguinte, ele saiu de casa com o problema na cabeça. Mas chegando ao hospital, os médicos da junta começaram a examiná-lo, porém não percebiam e nem enxergavam mais nada nele.

A fenda havia se fechado. Adilson nem percebeu, porém, até hoje, tem a marca em sua cabeça.

O médico ficou sem explicação. Mas os familiares tiveram a certeza de que, naquele momento, existiam espíritos amigos que o estavam auxiliando e amparando, lá do outro plano. Muitos anos se passaram, até que o casal deixasse os preconceitos de lado e aprendesse as lições da espiritualidade. Hoje ambos são espíritas e estudiosos do assunto.

Sempre que o preconceito aparece, é sinal de que a pessoa está fora da realidade e embora não conheça a fundo o objeto de seu preconceito, o rotula, imaginando que seja algo ruim.

A ignorância faz distorcer os fatos e como a vida tem a função de destruir a ilusão, aos poucos as pessoas vão aprendendo, pagando um preço caro por isso.

Por que será que somos tão resistentes em aceitar a verdade? Por que damos mais crédito aos que negam do que aos que experimentaram um fato?

Há pessoas que passam por experiências, veem espíritos, sentem no corpo as manifestações deles e têm premonições que se realizam, como provas incontestáveis do que

anteviram, mas me escrevem, querendo que eu lhes diga que são médiuns.

Não confiam em si, na vida, nas pessoas, penso que nem em Deus. Como construir uma vida equilibrada, ter saúde física, mental e emocional para poder usufruir dos bens da espiritualidade?

O caso de Elizabete e do marido mostra o quanto os espíritos de luz se esforçam para nos provar a verdade. O marido dela foi criado em meio aos fenômenos da mediunidade, mas tinha preconceito contra os trabalhos da umbanda.

Quando comecei com a mediunidade, eu também tinha esse preconceito. Não conhecia nada sobre esses trabalhos e não os aceitava. Com o tempo, mais experiente, estudando esses fatos, fui descobrindo o bem que eles fazem.

O preconceito fez com que o marido de Elizabete fizesse mau juízo do centro que ele ia aos quinze anos. Ao ajudá-lo a resolver um problema complicado de saúde, eles lhe provaram que desenvolviam um trabalho autêntico e bem-orientado.

Pessoas inescrupulosas que enganam e exploram a credulidade pública estão, espiritualmente, mal-assessoradas e não conseguem ajudar ninguém.

Quando uma pessoa que fugia dos fenômenos paranormais passa a estudar esses fatos e os aceita, o faz por ter recebido provas inegáveis de sua realidade.

Estou certa de que quando todos aceitarem essa verdade, — que conforta, auxilia, ensina e protege —, o mundo se transformará para melhor.

Caso enviado por:
Elizabete Godoy Lefone
Rua Rio Grande do Sul, n. 693
Itaquaquecetuba/SP

Uma Voz Amiga

Elisabete, mãe de Adilson, uma criança de dez anos, estava muito preocupada com as travessuras do filho. Esse foi um dos motivos que a levou a frequentar os cultos da Congregação Cristã do Brasil. Todos os domingos, ela e seus filhos, Adilson e Gustavo, estavam lá.

Um dia, a escola onde Adilson estudava chamou-a para contar que, ele e outros colegas, haviam furado os quatro pneus do carro de uma das professoras que mais detestavam. Tendo ouvido isso, voltou para casa muito triste e furiosa com a arte do menino, o que a levou a dar-lhe uma boa surra. Ele então, com uma fisionomia transtornada, gritava:

— Eu te odeio, te odeio, quero te ver morta, você não é minha mãe, te odeio!

Ela o levou ao quarto e o fez ajoelhar-se diante da Bíblia e ler um trecho. O texto falava sobre o perdão. Nesse momento, o menino começou a chorar e a abraçou, dizendo:

— Mãezinha, não sei por que falei aquilo, eu não sei, mas eu te amo, perdoe-me.

— Eu o perdoo, mas não faça mais isso — disse Elisabete, abraçando-o.

Minutos depois, o marido de Elisabete ligou comunicando que iria levar pães e presunto para lancharem juntos. Depois de certo tempo, o relógio já marcava 22 horas, e ele não chegava. Elisabete deu outras coisas para as crianças comerem e as colocou para dormir. Quando o marido chegou, já era quase meia-noite. Ele buzinou e Elisabete foi abrir o portão. Ao descer do carro, Elisabete notou que ele estava muito bêbado e todo urinado, o que lhe causou grande espanto. Durante os vinte anos em que estavam casados, ele, raríssimas vezes, tinha bebido, era um marido excelente, pai exemplar e amoroso.

Em silêncio, ela pensava: "Meu Deus, ajudai-me! O que é isto, meu Deus. Primeiro meu filho, depois meu marido. O que está acontecendo? Socorrei-me, Socorrei-me!".

Ele entrou em casa e ela foi fechar o portão.

O carro ficava estacionado numa rampa. Ao fechar o portão, ela escutou:

— Suba pelo lado da garagem, não vá pela rampa.

Automaticamente, aos prantos, em vez de subir pela rampa, ela subiu pela lateral. Quando estava subindo, a kombi despencou rampa abaixo, destruindo o portão e parando quase na porta da vizinha da frente.

Muito assustada e com medo de que a Kombi tivesse pego alguém, ela só gritava. Felizmente, não havia ninguém na rua. Ela entrou na kombi e a colocou novamente na garagem. Apesar de todo o estrondo, ninguém ouviu nada. Ao entrar em casa, ela começou a ouvir uma voz dizendo:

— Calma, você está salva, está bem, fique em paz.

No dia seguinte, o marido, muito envergonhado, ficou sabendo do ocorrido e, atordoado, disse:

— Perdoe-me, amor. Se você estivesse no portão quando a kombi desceu, hoje eu iria encontrá-la morta.

Graças a Deus e à voz que ela ouviu, nada de mal aconteceu-lhe. Com esses fatos, sentiu que algo ruim estava acontecendo, então procurou ajuda num centro espírita, onde o menino passou por um tratamento espiritual. Ele melhorou e tudo voltou ao normal. Quanto a ela, aprendeu a ouvir os amigos espirituais e a intuição para resolver os problemas difíceis.

Até certo ponto é comum meninos fazerem traquinagens contra professores, e é certo que às vezes exageram.

Conversar com o menino, fazendo-o sentir que cometeu algo ruim, teria sido melhor do que dar-lhe uma boa surra.

Acontece que ela ficou com raiva por ter sido chamada ao colégio para ouvir uma queixa. Nenhuma mãe gosta de ouvir e de saber que seu filho comportou-se mal, sente que está sendo vista como uma mãe que não é boa o suficiente para educá-lo. Elisabete ficou muito irritada e, ao chegar em casa, descarregou essa energia sobre o menino, surrando-o.

Essa atitude atraiu a presença de um espírito perturbador que encontrou condições favoráveis para dominar o menino, que estava com medo e, talvez, também com raiva pela surra, e instalou-se entre eles.

É muito provável que esse espírito, por um motivo que desconhecemos, tivesse intenção de intervir na vida de Elisabete para prejudicá-la. Como ela era uma pessoa boa e de fé, não conseguiu envolvê-la diretamente e usou o menino, inspirando-o, junto com o colegas, a furar os pneus do carro da professora, aproveitando o fato de que a odiavam.

Elisabete deve ter sentido que a reação do filho foi forte demais e caiu em si. Foi buscar ajuda espiritual e a situação melhorou. Mas o espírito não desistiu, foi atrás do marido dela e o envolveu, instigando-o a embriagar-se.

Se ele não gostasse de beber, talvez o espírito não houvesse conseguido induzi-lo. Embora não fosse contumaz, o marido de Elisabete apreciava uma boa bebida.

Depois do primeiro gole, ficou fácil ao espírito envolvê-lo.

A situação só não acabou em tragédia, porque Elisabete foi envolvida por um amigo espiritual que interveio, sugerindo-lhe o que fazer.

Elisabete, muito sensível, procurou um centro espírita e deve ter estudado a espiritualidade e aprendido a lidar com essas interferências.

É bom lembrar que quando se acredita que violência é solução, é o mesmo que dar a si um ingresso para participar de uma guerra e atrair ainda mais violência. Na verdade, é a inteligência que consegue vencer todos os desafios de nosso caminho, mas para que ela se manifeste, é preciso primeiro aprender a manter a calma, aconteça o que acontecer.

Caso enviado por:

Elisabete Godoy Lefone

Rua Rio Grande do Sul, n. 693

Itaquaquecetuba/SP

Mentor Espiritual

Jô é uma moça alegre, bonita e de muita garra. Estuda estética e trabalha com isso. Dois anos atrás, ela passou por dificuldades financeiras e pessoais e entrou em depressão, adoecendo.

Seu filho, Vitor, tinha apenas cinco anos.

Um dia, pela manhã, ela levantou-se muito triste, deprimida e atordoada. Sem perceber, tomou uma dose maior de remédio, um calmante. Em vez de um, tomou três. Teve um choque pelo fato do remédio ser muito forte e ficou estirada no chão.

Foi socorrida por vizinhos que a levaram ao hospital. Ao ter alta do hospital, quis saber como tudo aconteceu e quem a socorreu, pois estava trancada em casa e com o filho, que ainda era muito pequeno. O garoto então contou:

— Meu amigo, Henrique, que brinca comigo todos os dias, disse: "Vitor, saia lá fora e grite por socorro, senão sua mãe vai morrer". Eu disse a ele que não sabia gritar por socorro. Ele falou para eu ir até o portão e ficou dizendo no meu ouvido: "Socorro, socorro, socorro! Vai Vitor, bem alto, vamos gritar para alguém salvar sua mãe". Fiz isso e logo os vizinhos vieram até aqui e arrombaram a porta para socorrê-la, salvando-a.

Ele ainda contou para a mãe que seu amigo, a pedido dele, escondeu-se dentro do armário para que ninguém o visse.

Jô nunca havia ouvido o menino falar de seu amigo Henrique. Indagando-lhe, soube que ele sempre ficava ao lado de Vitor, conversando e brincando. Era um amigo espiritual, ninguém o enxergava, apenas Vitor.

Jô ficou muito agradecida a esse amigo espiritual e por Vitor ter contado a história direitinho.

Até hoje ele se lembra do ocorrido. Isso tudo levou sua mãe a acreditar ainda mais na espiritualidade e nas bênçãos que ela traz.

Henrique continua acompanhando Vitor, brincando e avisando-o sobre coisas que estão para acontecer.

Outro dia, ele soube pelo Henrique, que um grande amigo, Guga, está para mudar-se de casa, o que foi confirmado por sua mãe.

Não sei o que aconteceu com a Jô depois desse fato, mas espero que ela esteja muito bem. Recebeu grande ajuda de espíritos amigos, que orientaram o menino a buscar socorro.

É interessante que o menino nunca havia contado à mãe que tinha um amigo invisível que vinha brincar com ele. Não sei se ele fazia isso por orientação do amiguinho, para não chamar a atenção sobre o caso. Tanto que, depois dos vizinhos terem atendido ao seu pedido de socorro, ele mesmo pediu ao amigo que se escondesse dentro do guarda-roupa.

Acredito que os dois meninos sejam espíritos afins. Enquanto um reencarnou, o outro continuou acompanhando-o. Pode ser até, que o amiguinho invisível seja um espírito adulto que o protege e aparece como criança, para brincar com ele, respeitando assim, suas limitações de encarnado. À medida que ele for crescendo, o espírito amigo também crescerá. Coisas do mundo astral! Mas é bom saber que há espíritos bondosos que nos rodeiam e nos ajudam nos momentos de dificuldade.

Caso enviado por:
Elisabete Godoy Lefone
Rua Rio Grande do Sul, n. 693
Itaquaquecetuba/SP

Documento Perdido

Carmem desencarnou por uma complicação de parto, aos 26 anos. Mãe de quatro filhas, o menino era o quinto filho. Elisabete, sua sobrinha, tinha onze anos na época, e era muito querida e amada pela tia. Apesar de ter perdido a tia, Elisabete não ficou triste. Depois de cerca de dez anos, ela sonhou com a tia. Carmem chegava à casa da mãe de Elisabete, apoiada em uma pessoa e sentava-se numa cadeira. Elisabete quando a viu, percebeu nela uma aparência horrível, cadavérica. Estava muito suja, mas a saudade fê-la correr ao seu encontro e abraçá-la carinhosamente. Nesse momento, disse à tia:

— A senhora está morta, tia. Por que está tão magrinha e doente? O que a senhora quer de mim?

— Eu quero que ore por mim. Sinto muita saudade e culpa por ter deixado meus cinco filhos sozinhos. Logo você vai precisar do papel que guardou em cima do guarda-roupa de sua mãe...

Nisso, ela foi embora e nunca mais apareceu.

Elisabete contou o sonho para a família e mandou rezar uma missa para a alma da tia.

Meses depois, o marido de Elisabete chegou a casa e começou procurar um documento, que comprovava que o nome da esposa não tinha problemas no SPC. Ela colocou casa a baixo, mas não o encontrou.

Ao saber do fato, sua mãe recordou-se do sonho e lembrou-se de que o papel deveria estar em cima do guarda-roupa. Ambas procuraram o tal envelope com os documentos e o encontraram.

Hoje Elisabete sabe que espíritos em sofrimento, mas prontos para serem socorridos, podem receber nosso auxílio, abraço, carinho e se preparar para seguirem ao hospital do astral.

Ela prestou ajuda à tia, mas a tia também foi muito útil a ela, quando comentou sobre tal documento. Ela é muito grata ao plano espiritual, por saber que ambos os lados podem ser amparados e ajudados.

Elisabete enviou-me vários casos de interferência dos espíritos em sua vida. Aberta ao conhecimento da continuidade da vida após a morte, desde criança ela tem sido beneficiada por amigos desencarnados.

Nesse caso, foi a tia de quem tanto gostava que, dez anos depois de sua morte, ainda em péssimo estado, comunicou-se por sonho, para pedir-lhe ajuda.

Não dá para saber o porquê de sua morte quando deu à luz, nem por que deixou os cinco filhos. Mas podemos perceber o quanto sofreu depois da morte, por ser forçada a deixar os filhos e não poder cumprir o papel de mãe. Dez anos depois, ela ainda não havia aceitado esse fato.

Em vez de aceitar o inevitável e procurar a causa do que lhe aconteceu, para superá-lo, preferiu fechar-se na revolta. Com isso, retardou sua recuperação no mundo astral, aumentando seu sofrimento.

Ela se recusava ir para os hospitais de recuperação no astral e iniciar tratamento. Fazia o possível para ficar ao lado dos filhos, e suas energias depressivas podem ter causado aos filhos momentos de desconforto e dor.

Encontrar a sobrinha de quem tanto gostava, talvez tenha sido pretexto para fazê-la perceber que, se quisesse auxiliar os filhos, precisaria cuidar primeiro de si, ficar bem, para depois obter o que pretendia. Acredito que depois desse encontro, a tia tenha aceitado as condições do tratamento.

Para provar que o encontro era real, os espíritos recomendaram que ela transmitisse o recado sobre o papel guardado.

A ajuda espiritual, em qualquer caso, sempre age beneficiando todos os envolvidos.

Caso enviado por:

Elisabete Godoy Lefone

Rua Rio Grande do Sul, n. 693

Itaquaquecetuba/SP

Projeção Astral

Há quinze anos, a prima de Elisabete, Ana Lúcia, engravidou e a convidou para ser madrinha do bebê, o que a deixou imensamente feliz, já que tinha pela prima grande carinho.

Quando estava próximo de o bebê da prima nascer, Elisabete começou a sonhar muitas vezes que ela própria iria desencarnar para dar a vida ao bebê. Os sonhos causaram uma depressão e grande tristeza nela, apesar de continuar gostando do afilhado e da prima. Elisabete era recém-casada e tinha um filho de três anos, que amava demais.

Bastante impressionada, ela passava horas despedindo-se das plantas, da casa e do filho.

Procurava ficar o máximo de tempo possível com sua criança. Uma noite, em sonho, Elisabete encontrou-se com sua avó, desencarnada havia quatro anos.

— A Ana terá um menino, ele já gosta muito de você e a quer como madrinha. Você não imagina o quanto a estima. Ele nascerá e você não vai morrer coisa nenhuma! Isso é bobagem de sua cabeça. Trate de se alegrar com a chegada dele, que é seu amigo. Você viverá muito e ainda o verá crescer — disse a avó, zangada.

— Mas e os meus sonhos? — insistia Elisabete, chorando.

— Eu vou lhe dar um beliscão para acordar e se lembrar de que estive comigo e de tudo o que eu lhe falei. Pare com essa choradeira. Vai prejudicar o bebê, seu filho e você mesma — falou a avó, beliscando-a.

Nesse momento, Elisabete acordou. Hoje ela sabe que aquilo era uma projeção astral. Sua avó veio para alertá-la e tirá-la daquela depressão.

O bebê nasceu e, realmente, como sua avó lhe dissera, era um menino lindo, forte, que a adorava muito.

Elisabete deve ter sido sugestionada por algum espírito perturbador que se divertiu, fazendo-a acreditar que estaria

prevendo a própria morte. Ele foi inteligente o bastante para envolvê-la em sonhos e aproveitar-se de sua mediunidade de premonição (sonhar com algo que depois acontece). Ele já tinha tido algumas experiências dessas, e com isso, foi fácil envolvê-la.

Por desconhecer o que vai acontecer, as pessoas temem o pior e vivem com medo do futuro. Não foi difícil para o espírito perturbador explorar esse medo, principalmente se levarmos em conta, que quando uma mulher tem seu primeiro filho, ela fica demais insegura por senti-lo ainda tão frágil e indefeso.

Mas Elisabete é uma pessoa protegida e o espírito de sua avó foi procurá-la para desfazer o engano. Esse fato deve ter servido de alerta para que Elisabete começasse a questionar o nível dos espíritos e de cada comunicação recebida.

Sempre que surgir algo negativo e ficar em dúvida, o melhor é procurar ajuda em um centro de estudos espirituais.

Caso enviado por:

Elisabete Godoy Lefone

Rua Rio Grande do Sul, n. 693

Itaquaquecetuba/São Paulo 155

Remédio Espiritual

Rosaura, espanhola de nascença, veio da Espanha com os pais, para trabalhar na lavoura.

Thomaz também. Ambos moravam na Argentina e, após se casarem, vieram para o Brasil. Aqui tiveram catorze filhos.

Quando Theodora, uma das filhas, tinha doze anos de idade, eles já moravam em São Paulo.

Thomaz, nessa época, já havia desencarnado, vítima de problemas cardíacos.

Logo após o seu desencarne, Eustáquio, irmão de Theodora, colocou uma bacia de água no sol a fim de aquecê-la para que ele tomasse banho. Assim o fez, mas devido à friagem que tomou, foi atacado por uma doença pulmonar — água na pleura. De acordo com os médicos, o caso era gravíssimo. Era necessário uma cirurgia para retirar a água dos pulmões, porém eles não garantiam sua vida.

Rosaura, na época, desesperou-se, já havia perdido o marido há pouco tempo, agora seu filho estava muito doente.

Na véspera da cirurgia, ela, muito triste, começou a rezar solicitando ajuda a Nossa Senhora Aparecida.

As filhas, Theodora e Faustina, brincavam no quintal, alheias a tudo. Como naquele tempo não havia muros, apenas cercas separando as casas, elas viram uma senhora bem velhinha e arcadinha aproximar-se da casa e a dizer:

— Meninas, chamem Rosaura, eu sei o remédio que vai curar o irmão de vocês.

Quando Rosaura chegou ao portão, ela pediu um copo d'água e lhe disse:

— Dona Rosaura, a senhora tem na sua casa o remédio para curar seu filho. Vá até o fundo do quintal, onde tem um pé de figo da índia, figo da palma. Pegue a palma de um deles, uma folha, abra ao meio sem separar as metades e faça uma papinha de fubá com água, colocando-a nas palmas abertas. Aqueça no fogão, embrulhe,

depois coloque nas costelas de seu filho e deixe até esfriar e secar, assim ele vai sarar.

Rosaura, muito emocionada e chorando bastante, agradeceu a senhora e foi buscar o copo com água. Ao retornar, a senhora havia desaparecido. Então ela pediu:

— Vai Fausta, você com a Dora, procurar essa velhinha, veja se a encontram.

As duas saíram em disparada, porém não a encontraram. Rosaura achou que ela havia sido enviado por Nossa Senhora Aparecida e foi correndo fazer o remédio para o filho.

Conforme a velhinha disse, o fubá e a palma secaram quando tiveram contato com o corpo de Eustáquio, e ele começou a vomitar uma baba grossa; tossia e vomitava. Rosaura o ajudava. A febre, que era altíssima, cedeu. Ele pôde dormir bem naquela noite e, no dia seguinte, foi levado ao hospital para ser operado. Muito espantado, o médico o examinou e constatou que ele não tinha mais nada, estava bem de saúde. Então, pergun-tou a Rosaura:

— Como curou seu filho?

Rosaura contou o acontecido a ele e voltou muito feliz para casa. Atualmente, Eustáquio já tem certa idade e encontra-se muito bem.

Quando a pessoa está passando por algum problema difícil, que não sabe como resolver, costuma rezar e pedir a ajuda espiritual. Contudo, mesmo tendo fé e rezando com empenho, nem sempre é atendida.

É que a ajuda espiritual tem características específicas que são determinantes para que consiga o que deseja. No caso do filho de Rosaura, não era hora dele morrer e sua vida precisava ser preservada.

Atualmente a medicina progrediu muito e as cirurgias são menos perigosas e mais eficientes, mas naquele tempo, trabalhando na lavoura, morando no interior, sem muitos recursos médicos, seria arriscado fazer uma cirurgia dos pulmões.

Por esse motivo foi que a ajuda se manifestou, por intermédio de um espírito materializado como uma

velhinha, surgido para ensinar como curar o menino e evitar que ele corresse algum risco.

A pretexto do favor de um copo de água, ela ensinou o remédio e vendo que foi ouvida, desapareceu. Rosaura, então, usou do recurso da sabedoria da anciã e seu filho sarou.

Ela tinha fé em Nossa Senhora Aparecida, mas se tivesse fé em outro santo, em Jesus ou em Deus, teria sido atendida do mesmo jeito. Os espíritos de luz não têm nenhum preconceito religioso. Quando é permitido a eles, trabalham aliviando o sofrimento humano com amor e dedicação.

Caso enviado por:

TheodoraRosaura Montez de Godoy

Rua Amazonas, n. 734

Itaquaquecetuba/SP

As Muletas

Tia Cida acompanhou Denise durante toda sua infância e adolescência. Era uma pessoa muito querida. Cida teve paralisia infantil, porém não deixou que isso atrapalhasse seu lindo caminho aqui na Terra. Formou-se em filosofia, trabalhou, aprendeu a dirigir, casou-se e até adotou um menino.

Denise sempre teve muito orgulho de sua tia, muitas vezes foi para ela um espelho de perseverança e coragem, pois não considerava nada impossível ou difícil. Ela era uma grande lição de vida.

Foi madrinha do casamento de Denise e como presente ela mesma confeccionou o vestido de noiva. O casamento aconteceu em novembro, e, infelizmente, Cida contraiu meningite em janeiro e acabou falecendo.

Denise sentiu muito a perda da tia, sofreu muito, sentia sua falta e pensava muito nela. Durante um sonho com ela, Denise foi levada por uma mulher desconhecida até uma sala com vários sofás. A moça informou-a que havia alguém que desejava muito vê-la. A pessoa estava sentada num sofá, de costas para Denise. Ela, então, deu a volta para poder ver quem a aguardava, e ficou muito feliz ao deparar-se com a tia.

— Tia, é a senhora? Que saudade! Está tudo bem?

— Não estou não. Vê se me ajuda! — respondeu brava.

Denise pôde notar que ela vestia uma roupa toda preta e seus olhos estavam claros, muito estranhos. Ela acordou sobressaltada, sentindo-se pesada e contou para sua mãe.

Ambas foram a um centro espírita pedir ajuda para tia Cida. No mesmo dia, Denise recebeu uma mensagem, dizendo que ela ainda andava de muletas e que receberia ajuda. Assim, elas voltaram para casa um pouco mais aliviadas.

Passado algum tempo, Denise, que sempre pedia por ela nas orações, questionava-se se estaria melhor. Novamente, sonhou com a tia. No sonho, Denise estava deitada e levantou-se para ver quem

batia na porta. Ao pisar no carpete da sala, viu a porta abrir-se e, por ela, entrar uma muleta. Era sua tia, agora vestindo uma roupa bege.

Um pouco brava, Cida disse:

— Olha, eu estou melhor, preciso ir, eles estão me esperando!

Quando ela saiu, Denise foi atrás e a viu subindo em uma escada. Várias pessoas também subiam. Havia até uma mulher com uma criança de colo, que parecia estar doente.

Denise sentiu-se mais feliz por saber que sua tia estava bem. Muito tempo se passou até ela sonhar novamente com a tia. No sonho, Denise estava em um lugar com muita gente, todas desconhecidas. Era um campo, as pessoas estavam alegres e corriam, ela apenas as observava. De repente, viu sua tia correndo sem as muletas.

— Tia. A senhora está correndo? Como suas pernas estão bonitas!
— disse Denise.

— É querida, agora estou melhor — disse Cida, que sentindo uma leve tontura, preocupou a sobrinha.

— O que foi, tia?

— Não é nada. É que às vezes ainda sinto isso, quando me lembro de que não podia andar sozinha, sem as muletas.

Denise ficou muito feliz ao saber que a tia havia se livrado da deficiência e agora podia andar e correr livremente.

Freud classificou os sonhos como realização de um desejo. Quando a pessoa quer muito alguma coisa, acaba sonhando que a tem. Sempre quando dormimos, nosso espírito sai do corpo e pode ficar ao lado da cama ruminando.

Certamente acordará muito cansado e insatisfeito. Também podem ser um recurso psicológico que a vida usa, para mostrar coisas que a pessoa não quer ver. Esses podem ser analisados por um profissional do comportamento. E há os encontros astrais: quando o espírito encarnado viaja pelo astral, encontrando pessoas que ama. Denise tem esse tipo de sensibilidade e pode acompanhar passo a passo a recuperação da tia nessa outra dimensão.

O tempo que demora para o espírito recuperar o equilíbrio físico e mental depois da morte depende muito de como ele vê a situação, do que ele acredita e de seu nível de evolução. A tia de Denise estava tão convicta de que nunca mais poderia andar sem as muletas, que mesmo depois de desencarnada, continuava precisando delas.

Levou tempo para que entendesse que esse limite existia apenas em sua mente e que se acreditasse no próprio poder, certamente se livraria das incômodas muletas já no primeiro dia.

Quantos limites você colocou em sua vida? Pense nisso.

O que você acha que nunca vai conseguir ser ou fazer? Claro que para cada coisa que desejamos alcançar, há um caminho facilitando a obtenção do que queremos, mas sem a crença em nosso próprio potencial isso será impossível.

Por esse motivo, é bom começarmos, desde agora, a estudar os fenômenos da vida e da morte, da sobrevivência do espírito, para que saibamos o melhor a ser feito quando chegar nossa vez de enfrentarmos essa realidade.

Caso enviado por:

Denise Ramos Marangoni

Rua Euclides Pacheco, n. 1035 - Bloco Paraná - Apto. 73

Tatuapé - São Paulo/SP

Aprendizado

Num sábado à tarde, o marido de Shirlei chegou a sua casa com uma fisionomia muito estranha. Ela nunca o vira daquele jeito. Naquela época, eles passavam por uma situação muito difícil e algo disse para Shirlei que ela deveria ir atrás dele. Assim ela fez, largou tudo o que estava fazendo e foi conversar com ele. Eles moravam no sexto andar de um edifício. Na sala, ele, com um copo de uísque na mão, bebeu-o de uma só vez.

Muito esquisito, andava de um lado para o outro e, impaciente, começou a dizer para a esposa:

— A vida não vale nada, a gente só luta e nada vale a pena. Eu quero morrer.

Ele estava amargurado. A esposa tentava de todas as formas acalmá-lo. Dizia para ele:

— Mesmo que morra, a vida vai continuar do mesmo jeito, e você pode até se arrepender e aí será tarde, não terá volta.

Ele se mostrava irredutível, não queria conversar, e à medida que falava, ia subindo no parapeito da sacada. Ela tentava ganhar tempo conversando com ele, pois sabia exatamente o que pretendia com aquela atitude. Mesmo apreensiva, manteve-se calma, solicitando ajuda ao Universo e a Deus.

Em determinado momento, ele olhou para dentro da sala e, com um pé no parapeito da janela e outro na cadeira, desceu e entrou na sala novamente, perguntando:

— Eu não estou morto? Meu corpo está aqui?

Sem acreditar que estava vivo, ele pedia para a esposa beliscá-lo. Shirlei contou-lhe o que havia se passado durante aqueles minutos, ao que respondeu:

— Não me lembro de nada, os únicos fatos que me lembro são: passei no meu serviço, falei com meus amigos, pois já havia premeditado que iria me matar; passei no lava rápido e dei cinquenta reais de caixinha aos garotos — o que os deixou muito

espantados. Vim para casa e só me lembro de ter chegado até aqui. Mais nada.

Depois de um tempo conversando com Shirlei, ele contou-lhe que minutos antes de tentar cometer o suicídio, olhou para dentro da sala e viu sua sogra, falecida há dez anos, e seu pai, há quatro meses.

Como viu os dois, pensou já estar morto.

Ele não se lembrava de ter bebido o uísque nem mesmo de tudo o que haviam conversado.

Os dois, então, rezaram e agradeceram a Deus e aos amigos espirituais tão queridos, por terem dado essa nova oportunidade a eles. A partir desse dia, ambos começaram a ter mais fé e a caminhar lado a lado com a espiritualidade, entendendo que tudo é aprendido.

Muitas pessoas não sabem lidar com a frustração e quando seus projetos não dão certo, sentem-se derrotados, incapazes e entregam-se à depressão. Essa atitude, além de não resolver, só faz piorar o que já não ia bem.

Shirlei não contou quais problemas do marido levaram-no a pensar em suicídio. Talvez ele fosse uma pessoa dramática, visse os fatos de maneira trágica, e assim, em vez de procurar soluções, se colocasse em um beco sem saída.

Tudo indica que espíritos amigos interferiram para quebrar esse círculo vicioso no qual ele estava. Uma pessoa que perdeu o controle sobre si alimenta pensamentos negativos, é como uma casa sem dono e pode ser invadida por qualquer um.

Os espíritos de sua sogra e de seu pai, talvez até auxiliados por outros espíritos, envolveram-no, levaram-no para casa e o colocaram com o pé na janela, pronto para se atirar e, com isso, fizeram-no recobrar a consciência. Como ele ainda estava meio fora do corpo, pôde ver os espíritos do pai e da sogra, o que o fez imaginar que estivesse morto.

O susto o fez acordar, valorizar a vida e a ter forças para enfrentar as dificuldades do dia a dia.

Caso enviado por:

Shirlei Aparecida de França

Rua Aloísio de Azevedo, n. 233 - Apto 61-A

Santana - São Paulo/SP

Drogas

Dorilde, atualmente casada e mãe de Micaelle Christine, teve o privilégio de ter nascido numa família espírita. Desde pequena ouvia falar de vida após a morte. O avô é presidente de uma casa espírita e a avó, por ser um espírito superior, não mais encarnará.

Dorilde mora em Ilha de São Vicente, no arquipélago de Cabo Verde, que se situa na Costa do Continente Africano.

Apesar de viver em um lugar onde muitas pessoas são espíritas, trabalhar, ter uma família que adorava, Dorilde enveredou-se no caminho das drogas. Viciou-se. Por esse motivo, o clima em sua casa já não tinha mais harmonia. Ela contraiu muitas dívidas e os problemas com o marido aumentavam dia a dia.

A filhinha, que era pequena, também sofria.

Foi quando Dorilde começou a ler o livro *O Matuto*, que tem um personagem de nome Jorge, viciado em jogo. Um espírito inferior o induzia a continuar no vício cada vez mais. A partir daí, ela colocou-se no lugar de Jorge e teve um estalo, um despertar, que a fez ver que estava agindo de modo errado e que seu protetor espiritual acabaria afastando-se dela. Com muita dor e preocupada, ela orou e pediu ajuda ao Senhor, que lhe desse força e coragem para conseguir largar o vício destruidor, pois ela e sua família estavam sendo consumidos por ele.

Assim, ela conseguiu livrar-se do vício. Ainda com dívidas, Dorilde hoje se preocupa muito com sua filha e quer dar um exemplo saudável a ela; quer que cresça abençoada por espíritos bons. Ela sabe que a avó, de onde está, a ajuda e tem sido assim desde que ela faleceu, pois à época Dorilde sofreu muito com o acontecimento.

Era muito apegada à avó, e alguns dias depois de seu desencarne, Dorilde encontrava-se de olhos fechados quando ouviu uma voz suave, chamando-a. Era sua avó, foi uma emoção muito grande. Ela estava linda, uma luz muito brilhante a envolvia e ela vestia a mesma roupa azul-céu, que havia comprado para vestir no dia em

que morresse. Com uma expressão de alívio e tranquila, ela lhe disse:

- Não sofra, estou feliz, num lugar muito bonito.
- Como é esse lugar? — perguntou Dorilde.
- Não sei como explicar, mas é muito bonito.
- Quero conhecer esse lugar.
- Não tenha pressa, um dia você vai conhecê-lo.

Assim a luz foi se apagando até desaparecer. Em seguida, Dorilde abriu os olhos e sentiu o perfume que sua avó usava. Ela ficou muito emocionada e orgulhosa por saber que sua querida avó estava em um lugar lindo e que não sofria mais.

Atualmente, apesar da saudade, ela não sofre tanto, apenas lembra da avó com alegria e amor.

Dorilde aprendeu que nesta vida temos de lutar para conseguir algo de bom, amar todos e perdoar. Ela tenta cumprir seu dever, apesar de muitas vezes, sentir-se triste e angustiada. Nessas ocasiões, determinada, levanta a cabeça e segue sua caminhada.

Dorilde foi criada em uma família que cultivava os valores espirituais, mas ainda não sabia lidar com as frustrações naturais da vida. Em busca do alívio para as tensões, enveredou pelos caminhos das drogas. Mas esse alívio é temporário e a pessoa torna-se compulsiva, tornando-se dependente química.

A internação e os tratamentos impostos ao viciado não funcionam. O único caminho da libertação acontece somente quando o viciado decide largar e usar toda sua força para combater o vício.

Fico feliz que um de nossos livros tenha tocado o espírito de Dorilde, dando-lhe forças para libertar-se e recuperar a alegria de viver.

Certamente, o espírito de sua avó que tanto a ama deve tê-la auxiliado, dando-lhe forças para recuperar-se.

Todos nós temos a nossa volta espíritos encarnados ou não, alguns maldosos que se divertem em nos derrubar e

outros mais elevados, que nos ajudam a progredir. Mas a escolha é pessoal: cada um decide de que lado quer ficar.

Caso enviado por:

Dorilde Isabel Fortes Melício

Cxp. 1 5 4 - T C V

Mindelo - São Vicente/Cabo Verde

A Voz Misteriosa

Geni morava com os pais e quatro irmãos em um povoado de Minas Gerais, de nome Conceição da Boa Vista, a 650 km de São Paulo. Hoje o povoado chama-se Piranguita.

Em 1952, Jair, seu irmão, veio para São Paulo. Arranjou um emprego numa fábrica de plásticos, a Plavini. Em dezembro de 1954, Jair foi passar férias com a família.

Como sempre, nessa época do ano chovia muito. Três dias depois de haver chegado, aproveitando a estiagem, Jair foi nadar no rio Piranga com os amigos. Era um rio razoavelmente grande e bem profundo. Naquele dia a água estava turva, o que é normal quando chove muito. Não dava para ver o fundo do rio. Jair e seus amigos nadaram cerca de cinquenta metros. Levaram até sabonete, pois aproveitaram para tomar banho.

Tudo o que Jair possuía era um anel de ouro com uma pedra vermelha que ele sempre usava. Era uma joia de muito valor. Quando retornou do passeio, entrou em casa triste e foi logo dizendo:

— Perdi meu anel no rio. Deve ter sido a espuma que o fez sair de meu dedo. Procuramos bastante, mas cansamos. Ficamos mais de uma hora procurando e o pior é que não temos noção de onde o perdi.

Geni estava sentada na sala com os pais, os irmãos e uma prima chamada Cecília. De repente, Geni ouviu uma voz sussurrar em seu ouvido:

— Vá procurar que você vai achar o anel.

A voz era tão nítida que ela olhou em volta para ver quem havia falado, mas não viu nenhum estranho ali. Ficou receosa, não contou nada a ninguém, iriam dizer que era fantasia de sua cabeça, então, apenas avisou:

— Vou encontrar esse anel.

Todos disseram que ela estava louca. Como achar um anel se a água estava suja e o rio cheio?

— Se eu achar seu anel o que você me dá? — perguntou ela ao irmão.

— Dou-lhe uma determinada quantia em dinheiro.

Assim, ela foi com a prima até o rio, entrou na água, no local onde seu irmão havia estado e começou a procurar. Pegava um punhado de pedras com areia do fundo do rio e erguia, na esperança de encontrar o anel. Ela não enxergava o fundo, pois a água realmente estava muito suja.

Mesmo assim, ia caminhando, abaixando, pegando com as mãos pedras e areia e verificando.

Fez isso durante cerca de dez minutos, quando, de repente, ergueu as mãos e, no meio das pedras, estava o anel. Ela saiu correndo e até caiu, porque era difícil correr dentro d'água.

Gritava tanto que assustou as pessoas que passavam por ali.

Ao chegar a casa, todos ficaram surpresos quando lhes mostrou o anel nas mãos. Só então Geni criou coragem para contar-lhes o que tinha ouvido. Apesar de ter encontrado o anel, eles acharam que aquilo era fantasia da cabeça dela.

Geni ganhou o dinheiro do irmão e o dividiu com a prima Ceei, que ainda mora em Minas Gerais. Apesar do tempo decorrido, Geni diz que nunca se esqueceu daquela voz.

Mesmo vivendo no mundo, esquecidos de nosso passado espiritual, estamos cercados por espíritos amigos que nos ajudam, inspiram, protegem e não medem esforços para nos provar que a vida continua e nosso espírito é eterno.

Acreditar na eternidade do espírito faz-nos perceber que a vida é muito mais do que imaginamos. Fortalece-nos, faz com que tenhamos coragem para enfrentar todos os desafios do caminho.

A perda do anel de que Jair tanto gostava deu ensejo a que o amigo espiritual falasse com Geni, induzindo-a a tentar reaver a joia. A energia do espírito deve ter sido muito convincente e ela obedeceu. Mesmo que ela não tenha percebido, essa voz já deve tê-la orientado outras vezes e continuará a inspirá-la sempre que for preciso.

Ela ouviu, atendeu e encontrou a joia, para alegria de todos. Se Geni continuar assim, aberta à inspiração dos bons espíritos, continuará tendo sucesso em suas tentativas.

Caso enviado por:

Geni Gonçalves de Faria

Rua Francisco Alvarenga, n. 411

Jd. Miriam - São Paulo/SP

Gravidez

No início do ano de 1985, devido a uma queda da pressão arterial, Rosa procurou um médico. Descobriu que estava grávida de três meses, apesar de ter ciclo menstrual normal.

A família toda ficou feliz e alegre com a notícia.

Casada há dez anos, por conta dos estudos e da saúde, sempre adiava a gravidez. Todas as mulheres da família já haviam providenciado um filho, só faltava ela. No primeiro mês após a notícia, todos curtiram muito. Tudo estava maravilhoso.

Infelizmente, no início de abril, Rosa descobriu que seu pai estava com câncer no aparelho digestivo. Ela e o marido haviam ido ao consultório do médico sem o pai, visto que ele não se encontrava bem naquele dia. O médico deu-lhes o diagnóstico sem muitos rodeios e um prazo de três meses de vida para ele.

Rosa ficou muito chocada, assim como todos os familiares. Daquele dia em diante, tentaram todos os tratamentos disponíveis, tanto da medicina tradicional como espiritual. Apesar do diagnóstico, seu pai viveu ainda por cinco anos.

Durante a gravidez, Rosa passou por várias dificuldades financeiras e emocionais. Sua irmã, também grávida, teve problemas, dando à luz uma menina que necessitava de tratamento especial. O cunhado também perdeu o emprego e o marido sustentava a casa fazendo bicos.

Preocupada, Rosa, orava todas as noites, pedia saúde ao seu filho que estava por vir, conversava com ele e com Deus e imaginava como ele seria.

Numa dessas noites, viu uma imagem. No centro dela, viu o rostinho do filho. Já era um bebê de seis meses, muito bonito, pele clarinha, bochechas rosadas, olhos amendoados e pretos e uma franjinha lisa. Vestia um casaquinho com capuz azul-marinho e bordas brancas, feito em tricô.

Com essa visão, ganhou forças para enfrentar melhor toda a situação pela qual passava.

Rosa não contou a visão para ninguém, e qual não foi sua surpresa, quando uma prima do marido presenteou o bebê com um casaquinho igualzinho ao que havia visto — azul-marinho com bordas brancas. E o surpreendente é que a prima ainda lhe disse:

— Mandei fazer para que ele possa usar quando tiver seis meses.

Rosa recebeu o presente como um troféu, chorou emocionada. Para ela, aquele presente representava todas as suas preces atendidas.

O plano espiritual permitiu que todos passassem pelas dificuldades e deu forças para que prosseguissem, superando todos os obstáculos.

Há momentos em que os desafios se multiplicam em nossas vidas e parece que estamos em um beco sem saída.

Nesses momentos, a fé e a certeza da vida espiritual nos fortalece, acalma, alimenta e dá coragem para enfrentarmos todas as situações difíceis.

No caso de Rosa, a bondade divina promoveu a visão do bebê saudável, aos seis meses de idade, e inspirou a prima a encomendar um casaquinho igualzinho ao da visão, para que ela confiasse e ficasse em paz.

A tempestade passou, tudo voltou ao normal, a vida do pai de Rosa foi prorrogada por cinco anos, dando tempo a que ela e os familiares se preparassem para aceitar o inevitável.

Caso enviado por:

Rosa Borges

Rua Albina Barbosa, n. 33

Aclimação - São Paulo/SP

Despertar

Cristina conheceu uma moça no trabalho por quem se apegou bastante. Tomaram-se muito amigas, conversavam sobre tudo e gostavam bastante de ficar juntas. Para Cristina, sua amiga era especial, mais próxima e querida do que qualquer outra pessoa que conhecia.

Por conta do destino, Cristina casou-se, mudou-se de cidade, deixou seu trabalho e se afastou da vida que tanto gostava. As duas falavam-se de vez em quando, porém cada uma tinha sua vida e acabaram se afastando.

Um dia, Cristina soube que sua grande amiga havia falecido. Foi muito triste. Tentou chegar a tempo no velório, mas não conseguiu. Chorou muito.

Uma noite ela saíra com o namorado, que ninguém conhecia e não voltou. Começou a procura em delegacias, hospitais etc. Depois de três dias, foi encontrada num necrotério como indigente.

Na necrópsia descobriu-se que ela morreu de infecção generalizada, depois de uma tentativa de aborto malsucedida. Seu intestino foi perfurado durante a curetagem.

Durante meses, Cristina pensou no que acontecera, perguntando-se: por que sua amiga não havia procurado ajuda de alguém? Muitas vezes chamou por ela a fim de encontrar uma resposta.

Os meses se passaram e ela continuava muito triste. Certa noite, estava com o marido e escutou a voz da amiga chamá-la. Seu marido também escutou e não a deixou responder.

Cristina, apesar de muito abalada, continuou sua vida, sempre se questionando sobre o ocorrido, até que um dia, uma moça que trabalhava com ela pediu que a acompanhasse até a casa de uma mulher que recebia mensagens espirituais.

As duas foram. Ao chegarem lá, Cristina soube que havia alguém que se encontrava especialmente ali, para se comunicar com ela.

A mulher recebeu o espírito de sua amiga querida. Ela não estava bem, sentia-se muito debilitada, sofria muito, não conseguia nem

levantar a cabeça. Pediu a Cristina que não a chamasse mais, nem chorasse por ela, pois essa atitude estava lhe fazendo muito mal, segurando-na na Terra e a impedindo de desligar-se. Depois, contou tudo que lhe acontecera:

— Eu estava grávida, meu namorado era casado. Eu, não querendo entristecer minha mãe, que não sabia de nada, nem prejudicar meu namorado, aceitei quando ele me pediu para fazer um aborto. Mas a curetagem não deu certo, perfurou meu intestino, gerando uma infecção. Comecei a passar muito mal. Meu namorado abandonou-me na porta de um hospital, mas já era tarde, nada puderam fazer. Fui levada ao IML como indigente, pois estava sem documentos e sem identificação. Não procurei ajuda de ninguém, pois sabia que ninguém poderia me ajudar. Sua tristeza me prende nesta esfera. Eu não posso ficar aqui, preciso de tratamento espiritual.

Cristina ouviu tudo e sofreu muito, rezou para que sua amiga tivesse paz onde estivesse e que a perdoasse por chamá-la tantas vezes, não tinha nenhum conhecimento espiritual e não sabia que a estava prejudicando.

Depois desse acontecimento, Cristina começou a ler e a aprender mais sobre espiritualidade. Acredita que o espírito é imortal e que estamos sempre em constante aprendizagem.

A triste história da amiga de Cristina fez com que ela tivesse provas da continuidade da vida após a morte. Mas também nos faz pensar na facilidade com que algumas mulheres, quando se apaixonam, esquecem da prudência, não se importando que o parceiro seja comprometido. Iludem-se, pensando que um dia ele possa vir a deixar seus compromissos para viver com ela, o que raramente acontece.

A paixão é diferente do amor. A pessoa sofre antes, durante e depois do rompimento. Não se satisfaz e cria um tormento difícil de suportar. A atração existe, mas é preciso ter bom senso. No início é fácil resistir e seguir outro caminho.

Mas às vezes a mulher está carente, não se valoriza, pensa que não vai encontrar outra pessoa que a ame, teme ficar só, e aceita um amor pela metade, mas no íntimo, sente-se culpada. Ela não quis assumir a responsabilidade de seus atos, acovardou-se diante da mãe e da família do namorado que teve a coragem de deixá-la na porta de um hospital, sem documentos, como indigente. Como estará o espírito dela, após essa amarga experiência? Certamente, sentindo-se culpado e muito arrependido. Só Deus sabe o tempo que levará para superar o que aconteceu.

Quando morre uma pessoa que amamos, é preciso superar a dor da perda. Nem sempre é fácil. Mas ajuda muito saber, que nossa tristeza dificulta a recuperação do espírito que partiu, pois o impede de seguir adiante. Nessa hora, é preciso desapegar-se, despedir-se dele, desejando que siga o seu caminho.

É bom saber que a vida continua e que os laços de amor permanecem inalterados. Quando esse espírito estiver bem, virá nos abraçar durante o sono, ou inspirar pensamentos bons quando precisarmos.

Caso enviado por:

Cristina Aparecida Crocci

Rua Manoel José Machado, n. 120

Ferraz de Vasconcelos/SP

Ajuda Espiritual

Telma Regina perdeu sua mãe em 1981. Seu pai, que já havia tido três derrames, ficou muito abalado com a morte da esposa. Não sentia vontade de continuar lutando pela vida. Com a morte dela, seu estado, que estava melhorando, piorou de vez.

Telma fazia o último ano da faculdade e um dia teve de internar o pai para colocar uma bolsinha, já que ele não urinava mais. No hospital, muito nervoso, acabou entubado. Nesse dia, antes de sair de casa, ele olhou muito firme para todos os cantos da casa. Telma pressentiu que ele não voltaria mais.

Mesmo assim ela foi para a faculdade, tinha de apresentar o trabalho de conclusão do curso.

Ao sair, voltou correndo ao hospital. Ao adentrá-lo, sentiu um perfume muito forte de flores, teve intuição de que seu pai estava partindo. Ele pedia a ela que fosse desentubado. Ela, então, ligou para o médico e ele acabou concordando. Depois disso, ele ficou mais aliviado e até quis escrever um bilhete.

Nesse momento, ela começou a orar para que ele recebesse a ajuda necessária e sentiu a presença de alguém ao seu lado. Ela perguntou ao pai:

— Você está com medo?

— Sim, estou.

— Confie, você será ajudado e cuidado — disse Telma, pegando em sua mão.

Nisso, ela teve a sensação de estar flutuando perto do teto do quarto. Via tudo lá embaixo, inclusive as pessoas. Quando firmou seu olhar para frente, viu um grande corredor branco, cheio de portas e um médico vindo ao seu encontro. Era muito bonito, com barba e cabelos grisalhos.

Assim ela voltou à consciência e acabou caindo sobre seu pai. A prima, que presenciava tudo em silêncio, pensou que tivesse desmaiado. Mas ela voltou a si e sentiu uma enorme vontade de ler

o Evangelho que se encontrava sobre a mesinha, ao lado da cama. Pediu autorização ao pai.

Ao abrir o Evangelho, veio a palavra "*Morte e Ressurreição de Cristo*", o que lhe causou grande emoção. Leu apenas com os olhos, sem pronunciar uma única palavra e, ao terminar, seu pai pediu que ela o olhasse. Seu olhar não era de desespero, e sim, um olhar distante e vazio.

Depois disso ele a puxou para cima dele. Já sabendo o que estava acontecendo, ela chamou as enfermeiras e rezou um Pai-Nosso, em voz alta, na porta do quarto.

Passados esses instantes, ela conseguiu tomar todas as providências com calma e força, pois sabia que ele estava sendo muito bem assistido.

Receber ajuda espiritual não é um privilégio de quem acredita na vida após a morte. A bondade divina está presente, auxiliando todos os que precisam, sem exceção, inspirando, amparando e aliviando o sofrimento.

Como funciona essa ajuda, que pode ser muito eficiente, e passar despercebida, depende de como a pessoa pensa e sente.

Quem tem conhecimento sobre espiritualidade, acredita que a vida continua depois da morte, sabe que há outras dimensões que recebem os que partem e, por tudo isso, aproveita melhor as energias de ajuda. E, se além disso, a pessoa coleciona atitudes meritórias, tudo fica ainda melhor.

Telma Regina tinha essas qualidades e pôde intermediar a partida do pai, de maneira positiva, ajudando-o a vencer o medo, que, nesse momento, é tão natural.

No momento da passagem dele, foi auxiliada pelos bons espíritos. Eles a tiraram do corpo e mostraram o lugar para onde levariam seu pai, o que lhe deu serenidade. Ao voltar ao corpo, notou que ele estava partindo, sem dor nem sofrimento. Assim, calmamente, pôde tomar todas as providências para o sepultamento de seu corpo.

Caso enviado por:
Telma Regina Del Mosso Queing
Rua Tucuna, n. 10-152
Perdizes - São Paulo/SP

Com Muita Fé

A família do pai de Rosmarly era espírita, com exceção dele. Sua mãe, católica. Foi em 1981 que Rosmarly, por indicação de uma amiga, conheceu o Centro de Desenvolvimento Espiritual — Os Caminheiros. Nessa época, ela não se encontrava bem de saúde, chegando a pesar 35 quilos, com 24 anos. Seu pai já não sabia mais a quem recorrer.

No Centro Espírita "Os Caminheiros" passou por uma consulta e iniciou um tratamento de desobsessão. Em pouco tempo, parecia até outra pessoa, melhorou bastante. Estava mais animada, ativa, sem medos, voltou a dirigir e continuou frequentando o local.

Fez vários cursos no "Espaço Vida & Consciência" e ajudou nos bazares e nos leilões, que aconteciam após as pinturas mediúnicas; fazia até café. Depois de doze anos fumando, conseguiu largar o vício, sem sacrifício. Foi a melhor época de sua vida. Ela não esquece o que o grupo de encarnados e desencarnados fez por ela. Tudo de bom começou a acontecer em sua vida.

Em 1983, seus dois sobrinhos, Rafael de três e Raquel de dois anos, filhos da irmã Suely, adoeceram ao mesmo tempo. À época, sua irmã havia se separado do marido Paulo e, por esse motivo, todos moravam juntos na casa da mãe de Rosmarly. O ex-marido morava no Guarujá.

Em razão da febre alta, o pai de Rosmarly resolveu levar os netos a um hospital para que fossem medicados. Raquel foi medicada, liberada e logo ficou bem, mas o mesmo não aconteceu com o irmão. Ele continuava com febre, por isso resolveram chamar seu pai.

Rosmarly, apesar de preocupada, não entrou em pânico como os outros familiares. Para ela, que estava namorando, o mundo parecia cor-de-rosa. Não imaginava que o sobrinho pioraria, mas piorou.

No hospital, o menino não melhorava, seu avô estava desesperado. Apesar dos medicamentos, ele estava cada dia mais

fraco, perdendo peso e com soro no braço. Ficou todo machucado e tiveram de colocar oxigênio em suas narinas.

Todos os familiares não saíam do quarto e até Rosmarly começou a desesperar-se. Era um entra e sai de médicos e enfermeiros. Nessa época ela trabalhava e quando saía do trabalho, ia direto ao hospital. Tudo isso se passou durante cinco dias. No quinto dia, os médicos comunicaram que o caso do menino era grave e que a infecção havia se espalhado. Ele estava com septicemia — infecção generalizada — e temiam que o tratamento ministrado não desse certo. Resumindo: de acordo com a previsão dos médicos, o menino não passaria daquela noite.

Todos ficaram desesperados, parecia um pesadelo. Angustiados, acabaram perdendo o controle da situação. Preocupadíssima, Rosmarly foi à casa de sua avó materna. Lá chegando encontrou tia Neca, que morava no Paraná. Era uma senhora com cerca de 84 anos, estava com câncer e viera fazer exames, estava de passagem.

Elegante, atenciosa e altiva, com um olhar meigo, mas firme e confiante, nem parecia doente.

Perguntou sobre Rafael e Rosmarly contou, aos prantos, o diagnóstico dos médicos. Tia Neca, então, procurou acalmá-la:

— Sou espírita kardecista e meu mentor espiritual foi um médico pediatra. Confie em Deus.

Rosmarly ficou estática, mas voltou ao normal.

Ficou alguns minutos quieta, pensando que aquela senhora, se fosse ao hospital ver Rafael, poderia ajudar. Parecia que ouvia uma voz dizendo:

— Pede, pede.

Mesmo constrangida, ela resolveu pedir:

— Tia Neca, a senhora pode ir comigo ao hospital?

—Claro, com muito prazer. Vamos agora mesmo.

Assim que ela chegou ao quarto de Rafael, pediu que todos se retirassem, ficando apenas com os pais. Tia Neca abraçou os pais do menino, ministrou um passe neles e depois foi para junto da cama de Rafael. Orou bastante, passou a mão por sua cabeça e por todo o seu corpo. Rafael então se acalmou.

Tia Neca disse que tudo ficaria bem. Depois disso, levaram-na de volta para casa e todos ficaram mais calmos.

No dia seguinte, o sobrinho de Rosmarly não tinha mais febre, estava mais corado e não precisava mais de oxigênio. Começou a falar e a comer.

Os médicos não conseguiam explicar tal melhora.

Os exames não acusaram mais nada. A infecção desaparecera e ele continuou reagindo bem, tendo alta no dia seguinte.

Rosmarly, mais do que ninguém, acredita que a vontade de Deus foi feita. O plano espiritual age de muitas maneiras, sem que percebamos. Essa é uma prova de que a vida continua e que os amigos espirituais estão sempre prontos a nos auxiliar.

Meses depois, tia Neca faleceu, porém Rosmarly sempre ora por ela e lhe agradece. Os pais de Rosmarly não acreditam na força da espiritualidade, mas a irmã, ela e suas tias têm certeza de que o plano espiritual atuou naquele momento.

Esse é mais um caso de ajuda espiritual. Certamente não era hora de Rafael voltar ao plano espiritual e, por esse motivo, os espíritos amigos intercederam para que Rosmarly encontrasse com a pessoa que, mesmo doente, conseguiria ajudar o menino, porque possuía energias apropriadas.

Sugeriram a Rosmarly que levasse tia Neca ao hospital.

Apesar de constrangida, ela não resistiu à pressão daquela situação e pediu. Tia Neca foi de bom grado e naturalmente. Tendo como guia o espírito de um pediatra, devia estar habituada a trabalhar espiritualmente com ele, na assistência a crianças.

Rafael devia estar nervoso e a família desesperada, temendo o pior. Esse sentimento sobrecarregou o menino com energias negativas, impedindo-o de reagir.

Assim que Tia Neca chegou, tirou as pessoas do quarto, deixando apenas os pais e começou o trabalho de renovação energética. Auxiliada pelos espíritos, ela conseguiu harmonizar o ambiente, fortalecer a imunidade de Rafael e assim ele apresentou melhora.

Apesar de trabalhar no bem, auxiliar os outros, Tia Neca teve de cumprir até o fim o programa de sua própria vida e veio a falecer vítima de um câncer.

Esse fato nos faz reconhecer uma grande verdade: fazer o bem e ajudar os outros atrai muitos amigos que querem nos ajudar e torcem pelo nosso bem-estar. Mas eles não têm o poder de evitar os desafios que a vida programou, a fim de nos ensinar o que precisamos aprender. É de nossa exclusiva responsabilidade enfrentá-los com coragem e determinação, para que conquistemos nosso progresso.

Não podemos esquecer que somos livres para escolher nossas atitudes e comportamentos, mas obrigados a colher os resultados delas.

Caso enviado por:
Rosmarly Mourão
Rua João de Araújo, n. 98
Jd. Piratininga — São Paulo/SP

Vovô

Às vésperas de seu casamento, aos 25 anos, certa noite Carmem viu um jovem lindíssimo em seu quarto. Era alto, bronzeado, olhos azuis, que chegavam a brilhar. Foi uma visão rápida. Como tinha conhecimento da espiritualidade, não se assustou. Já havia frequentado um centro espírita com sua avó. Mas nunca mais esqueceu do rosto daquele jovem.

Carmem casou-se, porém seu casamento fracassou, durou apenas um ano e meio. Passados quinze anos, uma prima muito querida veio a falecer, após certo tempo de sofrimento.

Muito saudosa e, querendo saber se sua prima estava bem, se tinha encontrado paz, ajuda... um dia sonhou que estava em um edifício enorme, com vários andares. Nele havia muitas pessoas vestidas de branco, elas andavam de um lado para outro, muito atarefadas. Ela estava em andares superiores e desceu mais três. Uma mão segurou seu braço, e ela se deparou com aquele jovem que aparecera em seu quarto, anos atrás.

Ele, então, aconselhou:

— Você não pode ficar aqui, é muito perigoso!

— Por quê? E quem é você?

— Eu sou seu avô, Rafael.

Ela o olhou com desconfiança, uma vez que seu avô Rafael já havia desencarnado há mais de trinta anos. À época, ela era apenas uma criança.

— Imagine que você é meu avô. Você deve estar brincando! Meu avô é velho!

— Espere aqui, não saia — virando-se, ele entrou em uma das salas do andar.

Uma senhora também de branco, muito simpática, apareceu na porta da sala e convidou Carmem para entrar. Em uma poltrona, sentado do mesmo jeito como quando era criança, estava seu avô Rafael. Ela, mais do que depressa, correu para seus braços, chorando:

— Vô, que saudades! Vô, que bom encontrá-lo. Que bom vê-lo!

Ele, muito satisfeito, abraçava a neta e passava a mão em seu rosto. Ela sentiu-se criança novamente. Seu abraço tinha força de amparo, carinho e proteção.

— Você não pode ficar aqui, é perigoso, é melhor voltar — disse ele, preocupado.

— Vô, já que estou aqui, eu queria saber de minha prima.

— Não se preocupe com ela, está num hospital sendo preparada e logo receberá alta.

— Mas vô, o senhor não a ajudou quando ela morreu? — disse ela, um pouco decepcionada.

— Mas é claro, menina, eu estava com a equipe e ajudei a trazê-la para cá.

Assim, Carmem acordou com aquela sensação de amparo e carinho vinda do abraço do avô.

Depois desse episódio, ela parou de preocupar-se com os familiares que haviam desencarnado. Acatou o aviso do avô e, hoje, quando algum pensamento de saudade aparece, logo pensa: "Deus está cuidando desse espírito".

Nós temos três idades: a cronológica, a biológica e a psicológica. A primeira, a cronológica, são os anos que já vivemos aqui; a biológica é a do corpo (aparência física, vigor e força). Já a psicológica é como nosso espírito se sente.

Eu, por exemplo, estou com 84 anos, mas me sinto como se tivesse vinte e poucos anos.

Quando o espírito deixa o corpo, desencarna conforme seu estado emocional e sua aparência, se desejar, pode assumir sua idade psicológica.

O avô de Carmem estava com a aparência que preferia: a de quando era jovem e, conforme seu relato, muito bonito.

Mesmo conhecendo a espiritualidade, Carmem ignorava essa possibilidade, por isso foi preciso que ele fosse a outra sala e retomasse sua figura antiga, para que ela o reconhecesse.

Um espírito encarnado possui, no conjunto, vários corpos. O mais importante é o corpo astral (perispírito), que permanece com ele, depois da morte do corpo de carne.

O corpo astral é formado por uma matéria muito delicada, com características especiais, extrema plasticidade e é comandado pelo espírito.

Há espíritos para os quais a reencarnação é compulsória, mas os de certo nível podem escolher, programá-la e usar a plasticidade de seu corpo astral para tornar-se um bebê.

O espírito é essência divina e tem o poder de comandar a matéria. A força, é o espírito quem tem.

Carmem preocupava-se com as pessoas queridas que morriam e, durante o sono, saía do corpo e ia ao astral à procura delas. Certos lugares do astral, onde estão espíritos mais atrasados, oferecem perigo para quem sai do corpo por conta própria, sem estar acompanhado de um espírito amparador.

O avô de Carmem decidiu intervir para que ela tivesse uma prova de que todas essas pessoas estavam protegidas, bem cuidadas e, sobretudo, que aprendesse a confiar na vida.

É possível que se preocupando demais com pessoas recém-desencarnadas, ela, além de prejudicá-las com sua ansiedade e tristeza, ainda captava energias desequilibradas delas.

O importante de tudo isso é saber que o amor continua mesmo depois da morte. Foi o que o avô de Carmem demonstrou.

Caso enviado por:
Carmem (nome fictício)
SBC/SP

Considerações

Conforme prometi no primeiro livro *Eles continuam entre nós*, estamos oferecendo ao público o segundo volume, relatando casos tão interessantes quanto os do anterior, todos eles enviados pelos ouvintes de meu programa na Rádio Mundial (95,7 FM).

Sou muito grata a todos eles, que, para atestar a veracidade dos relatos, permitiram a divulgação de seus nomes e endereços, avaliando assim a nossa pesquisa.

Se algum caso enviado não foi relatado aqui, neste segundo livro, aparecerá em um terceiro. Em razão do grande volume de casos recebidos, achei melhor dividi-los para facilitar a publicação.

Estudei cada um, sob o foco da espiritualidade, procurando dar uma idéia de como os espíritos de luz conseguem interferir na vida das pessoas, utilizando os recursos energéticos naturais e respeitando as leis cósmicas que a regem. O intuito deles é abrir nossas mentes para essa realidade, na certeza de que esse conhecimento será decisivo para nos motivar ao esforço de enfrentarmos, com coragem, os desafios do amadurecimento. A maturidade de nosso espírito fará enxergarmos a grandeza da vida e descortinará a todos nós um futuro de progresso e luz, a que estamos fatalmente destinados, tornando-nos capacitados a contribuir, de maneira objetiva e eficiente, a favor da vida.

Faço votos de que esta obra possibilite ao leitor perceber e sentir a natureza eterna de seu espírito, atinando que nele está guardado tudo o que precisa para cumprir seu glorioso destino e acreditando, verdadeiramente, na própria capacidade, mesmo em um mundo onde os valores estão invertidos. E assim, que ele tenha a ousadia de permanecer no bem maior e escolher sempre o melhor.

Table of Contents

[Eles continuam entre nós](#)

[Introdução](#)

[Uma Boa Alma](#)

[Ave-Maria](#)

[Viagem Marcada](#)

[Bebê Prematuro](#)

[Filhos Unidos](#)

[Batom Vermelho](#)

[Sabedoria](#)

[Ajuda Espiritual](#)

[Despedida](#)

[O Suéter](#)

[Vestido Amarelo](#)

[A Pianista](#)

[Fafi](#)

[O Circo](#)

[Poesia](#)

[Uma Luz No Fim Do Túnel](#)

[Vidências](#)

[A Senha](#)

[Almas Amigas](#)

[Nunca É Tarde Para O Perdão](#)

[Sonho Real](#)

[Mistérios](#)

[Premonição Ou Projeção?](#)

[Um Anjo](#)

[Laços Eternos](#)

[Uma Visita Especial](#)

[Moleira Aberta?](#)

[Uma Voz Amiga](#)

[Mentor Espiritual](#)

[Documento Perdido](#)

[Projeção Astral](#)
[Remédio Espiritual](#)
[As Muletas](#)
[Aprendizado](#)
[Drogas](#)
[A Voz Misteriosa](#)
[Gravidez](#)
[Despertar](#)
[Ajuda Espiritual](#)
[Com Muita Fé](#)
[Vovô](#)
[Considerações](#)